

14.<sup>a</sup> Edição // Junho de 2024

# KYRIAL

ISSN: 1982-1085



# EXPEDIENTE

---

## Revista Kyrial

14.<sup>a</sup> edição

junho de 2024

ISSN: 1982-1085

## Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Escola de Linguagem e Comunicação

Faculdade de Letras

## Ilustração de capa

Débora Silvestre Aguiar

## Tema desta edição

Poéticas de si

## Professor Supervisor

João Paulo Hergesel

## Conselho Editorial

Ana Carolina Santos Rangel

Ana Clara Juliani Arroyo

Elena Fiorin

Monique Balan Sobreira

## Revisores de Texto

Ana Luísa Zanco Barzon

Beatriz Sousa Nunes

Beatriz Vieira Celestino

Débora Silvestre Aguiar

Douglas William Pestana Pereira

Fernanda Facundes da Silva

Guilherme Cruvinel F. Maia

Helen Pinto dos Santos

Isabelle Alves da Silva

Jacqueline Marostegan Mendes

João Pedro de Lima

Julia Fuchs Selimanovic

Juliana Caruso Pieragnoli

Kaíssa Gabriela Amaro Souza

Luiza Vicensi Fernandes

Luize Rodegher Ramos

Marcella Victoria R. do Prado

Mariana Ossuna Menegati

Milena Mayumi Nakanichi

Natália da Silva Lopes

Nathalia Vitoria Preto Alves

Taís Siqueira Secco

Vitória Oliveira Santos

## Colaboradores (em ordem alfabética)

Ana Catarine Mendes da Silva

Ana Luísa Zanco Barzon

Arthur Zullo

Beatriz Cossul Candiotti

Camila Souza

Camilla de Oliveira

Débora Aguiar

Diogo Setin Mosna

Giulia Maia Guimarães

Giulianna Sanchini de Almeida

Igor Gabriel Mendes N. Miranda

Isabela Costa Mariano

João Reame

Johnny Lima

Julia Fuchs

Kassem Espíndula Abdala

Leonardo Alves de Santana

Letícia de Souza

Letícia Nobrega Kremer

Lívia Gurgel

Lucca Henrique

Marcelle Fonseca Parreira

Mariana do Nascimento Almeida

Marina Pupo

Monique Balan Sobreira

Natália Nogueira

Niara Rocha

Paloma Larissa

Patriciafer

Pietra Mesquita

Rafaela Garcia Matos

Theodore Roncatti de Souza

Thiago Augusto Sula de Oliveira

Timóteo Colares C. Maciel

# ***EDITORIAL***

---

Refletindo as infinitas facetas do ser, mergulhamos nas profundezas da alma humana, onde cada pensamento, cada sentimento, cada experiência molda a poética única de cada indivíduo. Em nossa jornada artística, exploramos os caminhos intrincados que conduzem à expressão do eu, tecendo palavras e produzindo imagens que traduzem os vapores da nossa existência.

Em um mundo que muitas vezes nos pressiona a nos encaixarmos em moldes predefinidos, encontramos na escrita criativa e nas artes visuais uma libertação, um espaço sagrado no qual podemos desvendar as camadas mais íntimas de nossa identidade. Cada linha traçada é um chamado à introspecção, um convite a mergulhar nas profundezas do eu, onde a verdadeira essência reside.

Nas páginas desta revista, celebramos a diversidade de vozes e perspectivas, cada uma contribuindo para um mosaico de experiências humanas. Aqui, encontramos poetas, contistas, pintores e ilustradores que transformam suas dores em versos, prosa e imagens, artistas que esculpem suas alegrias em textos de diferentes modalidades, jovens visionários que exploram os limites da linguagem para expressar a complexidade de ser.

Ao explorar as poéticas de si, não apenas nos conectamos mais profundamente conosco mesmos, mas também com o mundo ao nosso redor. Descobrimos que, em nossas singularidades, encontramos pontos de conexão comuns, laços invisíveis que nos unem em nossa humanidade compartilhada.

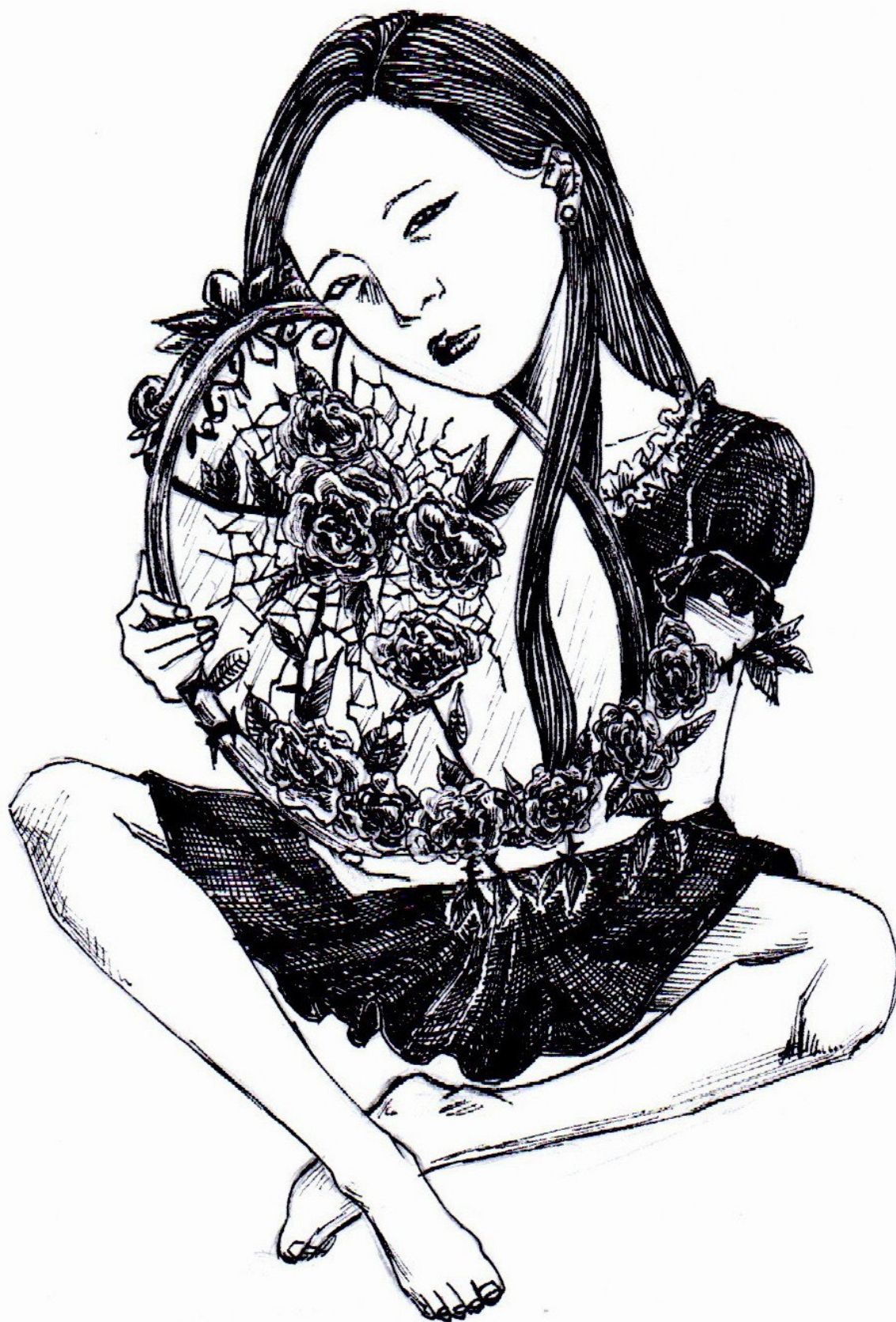
Que esta revista seja um convite à contemplação, à reflexão e à celebração da beleza que reside na autodescoberta, na autoaceitação, nas narrativas identitárias que são únicas e inimitáveis. Que cada palavra seja uma luz que ilumina os recantos mais escuros da alma, guiando-nos em direção à nossa verdade mais autêntica. Que as poéticas de si continuem a florescer, inspirando-nos a explorar, a criar e a compartilhar as riquezas de nossa experiência humana.

É somente por intermédio da arte que verdadeiramente nos tornamos quem somos.

*João Paulo Hergesel*

Professor da Faculdade de Letras e do Programa  
de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte  
da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.  
Supervisor desta edição da Revista Kyrial.







# ***CONTOS E CRÔNICAS***

---

# Qual seria o meu rio Ródano?

Camilla de Oliveira

Já faz um tempo que este episódio ocorreu. Na verdade, há bastante tempo, para lá de dois anos. Me lembro de estar andando pela rua e deparar-me com uma pintura que sabia de longe de quem se tratava. Vincent Van Gogh. Eu o admirava, até demais. Pelo seu estilo artístico, mas também pelo pouco que sabia de sua história. Aquele dia em que me deparei com a imagem de sua tela à venda em uma loja foi difícil, lembro-me de chegar mais tarde em casa e, com o cansaço, deter-me no único acontecimento marcante em minha consciência: aquele quadro. O que, olhando agora mais de perto, foi o que trouxe beleza para aquele árido dia. Por isso, a pesquisei e, depois, detive-me sobre as cartas que dela surgiram, que mostravam Vincent escrevendo para seu irmão sobre seus sentimentos maçantes e complexos demais para colocá-los em palavras nestas linhas.

O nome do quadro era Noite estrelada sobre o Ródano. E, logo depois, identifiquei-me com o seu eu lírico: eu era Vincent, com toda certeza. Eu possuía uma vacuidade parecida, senão a mesma, com a dele dentro de mim. Na verdade, quem era esse “eu” que tanto falava em conversas remotas e vazias durante todos os dias? Quem era esse “eu”? Quem era eu? Além disso, perguntava-me se o próprio autor da obra

conseguiu, ao menos, compreender todas aquelas árduas imensidões para as quais a vida lhe submeteu. Porque eu não tinha conseguido.

Ao ler a carta acompanhada da tocante pintura, decidi por mim mesma que nunca mais a chamarei de quadro ou de um momento divertido, no qual um pincel escorrega pela mão do artista. A chamarei da mistura mais simbolizada de sentimentos que alguém podia ter num momento indeciso. O pincel lhe caiu tão bem que me impressionou ele não ter chorado no momento glorioso no qual se encontrava, ao deparar-se com a grandiosidade que ilustrava. Ele pintava com somente um lâmpião iluminando, com um mistral que não o ajudou nas ‘pinceladas com sentimento’, como ele próprio descreve em suas cartas. Mas... Por que ele pintava.

“... Me faz bem fazer qualquer coisa difícil, mas isso não muda de forma alguma a minha imensa necessidade de religião, então saio para o ar livre da noite e pinto as estrelas, sonhando sempre com a imagem de um grupo de figuras simpáticas e animadas” (carta de Vincent Van Gogh a seu irmão). Talvez a sede e necessidade por algo grande era evidente. Talvez isso serviu exatamente para aqueles que paravam diante do rio Ródano, em Arles, e se perguntavam como uma paisagem

tão comum poderia virar um mapa de sentimentos tão abstratos e devastadores. Destruindo, com isso, a forma ruim de liberdade e dando espaço para refutar sempre a pergunta que nunca se cala no fundo do coração. Aquela pergunta.

A pergunta sem nenhuma resposta que, talvez, todo ser humano com um ‘punhado’ de autorreflexão de sua própria matéria de alma se faça. Aquela pergunta que, por vezes, inicia-se com “Quem...” e termina com um “eu?” ou, da mesma forma, algo completamente oposto a isso. A questão é que Vincent contemplou as variadas respostas que um alguém pode dar à pergunta “Quem sou eu?” neste belíssimo quadro. Isso ocorre não apenas pelo estilo de suas escolhas das cores, mas, principalmente, pela necessidade que sua alma tinha de “vomitar” toda a dúvida sobre si própria, como ocorreu em seu relato sobre a “necessidade de religião” ou de “algo” que desse conteúdo, fundo e forma à sua essência.

Assim como ele, eu também me sinto vazia. E, quando isso ocorre, recorro ao meu “pincel para pintar Arles à noite”. E, quando o vazio - que não me abandona por nada - retorna, e o medo junto dele também, me pergunto como Van Gogh fazia para despedir-se de tal sentimento. E então, depois deste longo pen-

samento, a resposta para “Aquele pergunta” surge em mim como que de supetão: é que o artista não deixa transparecer a chama que possui o seu próprio disfarce. Ele disfarça que “não sabe suas próprias respostas”, disfarça que desaprendeu a ler suas próprias perguntas e, consequentemente, finge muito bem não saber nada sobre si. E, assim, apenas entrega-se. Entrega-se para a necessidade que tem de descobrir o verdadeiro sentido daquilo tudo o que lhe cerca, juntamente com as ‘pinceladas com cores’, como ele as chamava. Colore “aquelas perguntas” na tela, mesmo sem saber suas cores reais, esvai-se de sua própria alma e responde a todos os estímulos de sua mente pintando o que tem de belo para contemplar neste breve e tenebroso mundo. Logo, dá vida a estes movimentos relatados até com a forma grata de desenhar um casal de namorados chegando de barco, mesmo sem nunca terem existido.

Agora eu entendo Van Gogh. Agora eu compreendo até mesmo o porquê de pintar o Rio Ródano à noite. A noite é breve e silenciosa em si própria, ela não possui luz, embora faça iluminar os pensamentos dos homens melancólicos e, sem mesmo saberem, até um pouco sábios. Eu mesma, neste momento, depois de tanto pensar naquele rio, sei o “porquê ele pintava”. Seria eu capaz de

pintar um rio Ródano da mesma forma? Qual seria o meu rio Ródano?

Penso no quanto Vincent foi caridoso ao fazer essa pintura, no quanto ele ajudou pessoas a vislumbrar um meado de esperança em tudo. Era apenas um rio, até sua tela ser feita e tocar milhares de consciências. Acredito eu que, depois desta tela, muitos pararam e observaram aquela vista em Arles. Talvez “aquela pergunta” tenha sido feita por eles muitas vezes sem nem saber que o próprio pintor a fez também. Garanto que de noite, à beira do Ródano, nada daquilo tinha propósito. Era somente uma chama de lampião que fez iluminar o violeta na cidade. O chão malva, o azul do mar e o céu azul-verde. Ele pensou em cada detalhe. Imaginou a cidade sem mesmo poder entrar nela, a cor dela... A cor.

Talvez seja isso o que tenha que ser feito. Observar o Rio Ródano à noite quase sem o ver, mas mesmo assim o pintar e o criar de uma forma profunda. O tocar e o balançar com os pensamentos mais significantes. Construir aquele rio, mesmo sem saber a cor violeta da cidade. E, desse modo, pintar junto com o artista - talvez com o nome apelidado de “vida” - , mesmo sem saber qual o número de pincel usar para... começar.

Agora, ao observar toda essa realidade, sei que posso dizer que aprendi a me despedir deste vazio e

da sensação de vacuidade que habitam a minha alma com certa frequência. Preciso aprender a pintar o Ródano que quero ter. O rio que levará minha essência para uma possível contemplação misteriosa de algo que não sei - e, talvez, nunca irei saber -. Mesmo sem saber o que existe na cidade, qual a cor dos arredores que estarão por vir. Acho que pintar o Ródano no escuro da noite é a comparação com o ato de viver por aí, pois, quase nunca se enxerga nada, apenas a incerteza. Apesar disso, observar e colorir a incerteza com um pinga sequer de alegria, talvez, seja o caminho, o caminho para a verdadeira resposta. A resposta do “para que” ele pintava e do “porquê” eu deveria começar a pintar. Agora, eu compreendo que nem tudo é tão complicado. Às vezes, é até simples demais. E, de agora em diante, sei - um pouco, pelo menos - responder a algumas perguntas.

É sério.

*Meu nome é Camilla de Oliveira, sou graduanda em Letras Português Italiano pela USP. Tenho uma grande paixão pela literatura, acredito muito no papel que um bom livro possui em mudar e transformar almas.*



# Notificação

Giulia Maia Guimarães

“É feriado, nem adianta me chamar pra sair porque minha agenda está cheia”, foi isso que pensei na quarta. Já era sábado, faltando poucos minutos para o domingo e eu não tinha feito nada. Então resolvi fazer algo daquilo tudo, algo que eu sabia que faria direito e que teria bom proveito no fim: um café bemquentinho.

Afinal, uma mente mal acostumada a estar descansada não merecia a tortura de mais uma insônia corriqueira, não é mesmo? Era bem melhor que ficasse acordada por completo até o dia seguinte inteiro com a ajuda de um estimulante, estou errada? Ótima ideia, pensei. Optei pela máquina porque seria mais rápido. Abri o armário e peguei a primeira caneca que vi.

Coloquei a caneca e apertei o botão de iniciar. Lembrei-me de um trabalho que tinha que terminar pra entregar logo na segunda. O som dos grãos sendo triturados marcou território de forma ensurdecadora. O seminário de quarta me assombrou, ainda tinha que ver o que eu ia falar. A água fervente começou a escorrer junto ao pó. Me veio à mente a prova de quinta. A máquina apitou indicando que havia acabado seu serviço. Pelo menos alguém tinha a capacidade de finalizar o seu serviço por completo.

Sem pressa, voltei ao meu quarto, já encarando o computador com mais de seis barras de pesquisa abertas, enquanto um documento em branco me encarava de volta: o trabalho para segunda. Sentei-me à mesa e entre um suspiro de derrota

e outro, meu celular acendeu com uma notificação. Já passava da meia noite.

Era o Carioca, meu amigo, companheiro, desde que me entendo por gente, dos fogos de artifício e das taças de champanhe assim que a contagem regressiva zera, ao som de MPB cantado junto a orquestra das ondas do mar. A mensagem era simples e um tanto aleatória.

Qual é o seu sonho?

“Passar nesse semestre”, pensei em responder, cansada. No fim, respondi que queria saber o que quero fazer no futuro. Ia entrar em detalhes sobre como eu venho nesses últimos tempos descobrindo caminhos para mim que nunca tinha pensado antes e que tem sido muito bom até então, mas ele não merecia ouvir todo o blá, blá, blá de uma pessoa perdida e claramente confusa com as possibilidades infinitas da vida.

O meu sonho é ter uma van pra morar.

Achei engraçada a forma como interpretei a pergunta em relação a ele. Imagino que ele não achou que o tom da sua pergunta fosse tão filosófico, como respondi, mas o estrago já tinha sido feito. “É um bom sonho”, enviei em seguida.

E ser escritora?

Aquilo me pegou desprevenida, assim como a mensagem. Ver alguém reforçar decibéis à uma palavra que já não passava de um simples sussurro pra mim, quando pensava no meu futuro, quando pensava no meu sonho, me fez sorrir sem perceber.

Sim.

Tô vendo ainda.

Ok.

Boa noite.

A resposta foi um pouco seca para quem havia acabado de perguntar sobre o meu sonho em plena virada de um sábado para domingo, mas achei melhor apenas ignorar esse fato. Já tinha coisas menos interessantes, mas mais importantes para pensar sobre. Finalizei a conversa num copia e cola e desliguei a tela. Agradei, silenciosamente, por ele ter mandado aquela mensagem. E que alcançasse seu sonho, claro!

Bebericava meu café, já morno, e abri um bloco de notas digital. Coloquei lá, listado, tudo o que prometi fazer no feriado que naquele ponto já havia passado: finalizar o trabalho, estudar para a prova, revisar as falas do seminário e ainda terminar mais algumas tarefas de fim de semestre. Depois, distribui todas em um calendário semanal.

Fechei o computador. Minha agenda continuava cheia e amanhã já era segunda-feira.

*Giulia Maia Guimarães é  
estudante da Faculdade de Letras  
da PUC-Campinas.*

# Feito uma idiota

Ana Luísa Zanco Barzon

Estou letárgica.  
Não sei como abri o aplicativo em meu celular.

Não sei como cheguei em frente a meu prédio.

Não sei como desci do Uber.

Não sei como subi as escadas e muito menos quanto tempo encarei a fechadura até encaixar a chave.

Também não sei qual foi a expressão no rosto dele quando ele me disse aquelas malditas palavras. Pelo menos ele teve colhões para dizê-las. Para confessar.

Não posso dizer que eu não sabia de nada. Eu sabia de alguma coisa. Mas acredito que enquanto eu fingisse que não havia nada acontecendo, não se tornaria real. Ele não parecia o tipo de pessoa que faria isso.

Me recuso a encarar o espelho enquanto lavo o rosto. Minha sanidade não aguentaria ver a reação do meu corpo àquela covardia.

Ele não merece minhas lágrimas. Não merece minha tristeza, meu desespero, nem mesmo minha incredulidade.

Mas estes sentimentos ainda estão comigo.

Acredito que ainda ficarei sozinha em casa por um tempo. Não sei que horas são, mas as meninas chegam mais tarde, de qualquer jeito.

Encaro a fresta da cortina aberta. O dia ainda está claro.

Sem nenhuma razão em particular, pego meu violão, anteriormente em seu apoio. Ele se tornou uma decoração, está empoeirado. Minha vida corrida não permite que eu to-

que o quanto gostaria.

Nunca pensei que essa música de um filme que eu gosto tanto se tornaria minha. Se tornaria parte de algo que vivi.

Parece que é um martírio, que faço isso pra aumentar o sofrimento. Mas não. Isso é bom. É o jeito que encontrei de aliviar.

Os primeiros acordes saem meio desafinados, mas eu conheço a canção muito bem. Não demora pra eu pegar o jeito depois de tanto tempo sem treinar. Minha garganta parece se recusar a obedecer no começo, mas continuo, mesmo com a voz embargada.

*We take a chance from time to time  
And put our necks out on the line  
And you have broken every promise  
that we made  
And I have loved you anyway*

Agora me ouço melhor, com mais clareza. Minhas mãos se movem sem esforço algum.

*Took a fine time to leave me hangin'  
out to dry  
Understand now I'm grieving  
So don't you waste my time  
Cause you have taken  
All the wind out from my sails  
And I have loved you just the same  
We finally find this  
Then you're gone  
Been chasing rainbows all along  
And you have cursed me*

*When there's no one left to blame  
And I have loved you just the same  
And you have broken every single  
fucking rule  
And I have loved you like a fool*

Não derramo uma única lágrima enquanto toco. Creio que o estoque já se esvaiu.

Não houve expressão em minha voz, exceto pelo palavrão no último verso.

Uma sensação de completo vazio e melancolia me invade, enquanto deixo meu corpo descansar sobre o encosto do sofá. Ouço o barulho da rua, as pessoas conversando, carros passando, mas minha mente está em completo silêncio.

O violão em posição ainda, apenas escorrega para o lado. Eu sinto as cordas metálicas e frias deslizarem por meus dedos. Fecho os olhos. Está ficando escuro.

*Ana Luísa Zanco Barzon, aluna da PUC Campinas, curso de Letras, Escola de Linguagem e Comunicação, sempre gostou de ouvir e contar histórias. Começou a escrever aos 12 anos e não parou mais. Amante de romance, mistério, suspense e de muitos outros gêneros, sonha em trabalhar com tradução editorial e em ser uma autora publicada.*

# (+11=?)

Kassem Espíndula Abdala

Me encontro a uma bala de distância de fazer da minha existência algo pertencente apenas ao esquecimento. Tudo que fui ou deixei de ser, não importa mais, são preocupações de quem espera pelo dia de amanhã. O hoje é meu fim, e o ontem não passa de um degrau para o agora.

Eu me lembro, e como me lembro, de como as coisas eram belas. O mundo se encaixava como tinha que ser, e nada do que era, poderia ser diferente. Me ensinaram que  $1+1$  era 2, e que eu podia fugir de tudo, menos disso. Me senti seguro, eu havia um colete que barraria todo o caos que tentasse entrar em mim, e só por isso eu já tinha um motivo para viver. Mas então eu chorei, e em meio as minhas ternuras, assisti aos prantos duas lágrimas se unirem e formarem uma só; onde estava o  $1+1$  é 2?

O mundo quebrou. E da minha dor nasceu uma percepção, como quase sempre acomete aos poetas. E da completa desordem, assisti meus pensamentos caminharem para a situação de agora; meus olhos, uma arma, uma mesa e um vazio.

O vazio de quem ultrapassou a linha. Porque de tudo que existe, nada é tão real quanto a linha. Essa que é de uma espessura minúscula, quase tímida de tão retraída, um lacônico de expressão existencial, mas que comporta em si a separação mais profundamente perigosa de nossa existência. Uma das maiores questões filosóficas que transcorre na humanidade, é a dúvida a respeito se há, ou não, um conhecimento

inato; algo que herdamos apenas por nascer e nada mais, um filho exclusivo de nossa capacidade de respirar diariamente.

Existe.

Isso que nos acompanha desde antes de sermos capazes de sair do próprio ventre, é o aviso da linha. A desgraçadamente horrível, linha. Essa, com toda sua periculosidade, abriga em seu ser a temerosa separação; de um lado, está a tristeza, os sorrisos, os choros, as risadas, as desistências, os dormires, os acordares, os sonhos, os realizações, tudo que praticamente todas as pessoas passam ao decorrer de suas míseras vidas ( $1+1$  é 2). Do outro lado, após a linha, em frente a um convite direto para abraçar o capeta, está todo o fogo do inferno. Quando chegamos no exato momento que degustamos do que julgamos ser a pior coisa que já sentimos, inicialmente pensamos que não somos amados, mas com pouquíssimo tempo já alcançamos a conclusão de o amor não faz sentido. Pois dessa amargura apática se inicia um crescimento que se estende até as conquistas, e de repente, o mundo começa a ficar absurdo, e tudo que fazemos parece ser sempre algo deslocado, inútil, insignificante, e no fim do processo, todo esse ilogismo contagia qualquer traço de relevância presente em nossa imbecil existência. Se antes éramos capazes de lutar para encontrar motivos para sorrir, hoje nossa vida se resume a encontrar algo importante o bastante que possa nos fazer chorar.

Quando estamos aqui, já cantando e dançando com nossos piores

pesadelos, passamos a não temer mais a morte, nem a desconhecer as razões dos suicidas; o troco que recebemos por não entender mais o universo é entender perfeitamente a desgraça que abriga a mente de todos os loucos.

E como isso responde à questão filosófica sobre o conhecimento inato? Simples; vivemos predestinados a nos iludir, criar falsos laços e contar belas mentiras para nós mesmos e para os outros ( $1+1 = 2$ ), tudo porque no fundo, lá tão interno quanto nossas mais minúsculas almas (nas lágrimas que esperam para se unirem diante dos seus olhos), há a crença de que devemos levantar e ir, porque existe alguma coisa da qual precisamos fugir a todo custo, e sempre que nos sentimos mau com algumas breves percepções que temos da realidade – como quando somos traídos, alguém próximo morre ou quando não chegamos onde queríamos –, nós sentimos um toque interno que parece vir direto de nossas almas, é um leve gosto amargamente indescritível, que nos alerta de forma concisa, breve e direta, que se continuarmos a comer o que comemos, em breve chegará a sobremesa; e é quando ela se encontra diante de nós, que damos o passo que nos coloca no piso de nossa desgraça. Essa amargura inicial é o aviso, é o que herdamos de nossa nascença; e é dela que nasce as nossas tristezas, as nossas dores, a nossa vontade de “ser alguém”, as nossas religiões e toda forma de nos autoiludir.

No entanto, ainda que estejamos presos nesse looping lastimoso

de autodestruição, ao lado do aviso que nasce conosco, bem no cantinho, como uma folha curta em uma gigantesca árvore, ou como um verme microscópico em uma grande flor, há um conciso, pequeno e ínfimo ser que comumente atribuímos de “esperança”. Essa pequena coisinha que fica martelando em nosso peito, tentando arrumar algum cantinho que possa fazer fotossíntese e se desenvolver, nos faz sempre lembrar que talvez, muito, muito, muito talvez, ainda haja salvação. Aos religiosos, denomina-se de “milagre”, aos menos crentes, como eu, chamam apenas de “acaso”. Essa coisinha, levemente irritante, está sempre tentando nos provar que ter um motivo para viver é algo válido, e não um refúgio para que preenchamos um poço infinitamente maior do que pensamos preencher. Ou que podemos preencher.

E eu senti essa coisa me controlar por um tempo, a tal “esperança”. E pior – ou melhor? –, vivi um acaso – ou milagre.

As lágrimas que me fizeram quebrar a ideia de 1+1 era 2 vieram na noite em que soube da morte de Miguel, um dos meus melhores amigos. Mas ainda que eu já tivesse começado a sentir o gosto amargo, a sobremesa ainda estava por vir; meu outro melhor amigo, o João, não apareceu para prestar condolências. Como pensei há pouco tempo, há um nível de tristeza que, se alcançada, paramos de ter pena dos mortos. E o que senti ao pisar na calçada fora de onde meu amigo dormiria

pela eternidade, foi a percepção de que aquilo era uma benção, não uma maldição.

Não tardou e eu me encontrei com João, em uma mesa de bar, no sul da cidade.

– Onde você estava? – perguntei, no segundo que ele se sentou ao meu lado.

João me encarou, transmitindo por toda sua feição uma astúcia maligna, uma ansiedade de querer dizer alguma coisa que estava preso em si, mas que ele não sabia como começar.

– Assim como você teve suas transitoriedades, Enzo, eu também tive; não só você muda. Isso é um erro que comumente cometemos por estarmos o tempo todo vendo somente a nossa visão...

– DIGA! – gritei, batendo na mesa. – Onde. Você. Estava?

João deu de ombros.

– Pois eu digo onde estava; estava com ela. O amor, a paixão, a felicidade, o sorriso, o universo; toda a metade boa de nossa existência. Me diga uma coisa, Enzo... – ele bebeu um gole. – Você já amou? Olhou e pensou que aquela é a coisa que você quer ter para o todo sempre sem se importar com as condições do mundo ou do universo? Porque isso é amar. E Meu Deus, Enzo, estou perdidamente apaixonado.

– Do que você está...

– Já ou não, Enzo? Caso não, é melhor que nem falemos sobre isso, pois você não me entenderá. O amor, como as vivências boas que passamos, se encontra em um céu

além do que os aviões das palavras podem alcançar. Poético, não? Eis o amor, Enzo, o motivo de transformarmos o mundo belo.

– Ele... – e nesse momento eu já sentia uma dificuldade de falar, pois tudo parecia ser como inverter meu corpo através da minha garganta. – Morreu...

– Sim, sim...ele morreu, não verá mais a gente. Qual diferença faria se eu fosse no velório dele? – Pausa. – Ora, sejamos realistas, Enzo, somos jovens, daqui uns anos você esquecerá dele para sempre...

Em meio a suas palavras joguei por minha garganta álcool suficiente para recuperar minha sanidade.

– É uma questão de respeito, um simbolismo para retratar o valor eterno da vida dele. Sem esses tipos de coisas; os velórios, os aniversários, os encontros, além dessa merda toda de vida não fazer sentido, ela ainda fica sem valor.

– O que você diz é contraditório entre si. O mundo tem sentido ou não tem? Porque uma hora você diz que não, e em outro momento vem com uns papos de valor...

– Valor e sentido não são coisas iguais, João, e você mais do que ninguém devia saber disso.

– Por que eu?

– Ora, você viveu sua vida inteira pelo hedonismo, pelo prazer e por todas as futilidades sem valor, mas que...advinha? Para você tinha um sentido. – Pausei. Bebi mais um gole, e permiti que as lágrimas escorressem novamente de meus olhos. – Por que você não foi na dro-



ga do enterro, João? Por quê? Meu Deus! Era só ter ido! – Pausa. – No início eu não entendia direto porque aquilo havia me deixado tão...mal, mas agora eu entendi. Você e ele estavam juntos, eram amigos. Vocês saíam, dançavam, corriam, brigavam, sorriam e tudo que todo mundo normalmente faz. Então, vocês se separaram certa vez, ele morreu e você nem se quer apareceu, ou mesmo se arrependeu por isso. – Pausa. – Se um ser é capaz de viver com outro ser, se separar e esquecer, qual o sentido de ser?

João inicialmente apenas balançou a cabeça, mas foi o próprio responsável pelo extermínio do silêncio.

– E por que você se importa tanto com isso?

– Porque eu estou pensando em me matar, João! – Pausa. Puxei um copo para próximo de mim, bebi de uma vez e respirei fundo. – Me diga, João, você sabe a diferença entre estar no meio do poço e estar no fundo dele? A diferença entre a distímia e a depressão? A diferença entre os milímetros antes da linha e os milímetros depois?

João pareceu pensar em começar a dizer, mas eu o impedi.

– A pessoa que está antes da desgraça da linha, João, se ela ganhar, ficará feliz com isso. O ato de vencer é um motivo para sorrir. E isso fará com que ela dê grandes saltos para trás dessa linha maldita. O homem que a ultrapassou, verá a vitória como algo tão fluido, que é bem capaz que aquilo o empurre ainda mais para o fogo que arde em sua tristeza. Não se trata mais de vencer, mas de tentar enxergar alguma vitória no prêmio. E é aqui que eu me encontro. Eu quero literalmente aniquilar minha existência... – Pausa. – Mas há uma coisa que de alguma forma me impede...parece haver um verme em todos que vivem com a percepção da própria inutilidade que

está sempre dizendo para continuar a viver enquanto degusta solenemente de suas angústias. Eu sinto profundamente em mim que não há ninguém que torça para que vivamos mais do que nossas piores dores. Ou até a morte. E essa coisa...ela...ela me trouxe aqui. O que eu esperava? Você...é repugnante. Olha o que disse do seu...DESGRAÇADO!

E todos no alcance de minha voz se virou para nós olhar. Cada visão nos estudava, tentando entender o porquê do grito tão alto. Mas...aquilo não era importante por duas razões, a primeira é que eu não ligava para os outros, a segunda, e é a de maior relevância em virtude de seu caráter metafisicamente celestial, é que fui acometido subitamente por um desejo irresistível de olhar para a saída. E assim que para lá olhei, uma garota que estava próxima, de capuz e mochila, se ergueu e saiu andando. Cada ação do meu corpo que antes eu podia jurar que detinha o total controle, se esvaiu da minha mão, e antes que eu percebesse, eu a seguia. Quando dei o segundo passo, percebi que o que me controlava era o desgraçado do verme, a desgraça da esperança. Eu, que possuía tão claramente meu desejo de me matar, não me preocupei para onde estava indo; uma perna era ditava pelo verme, a outra por meu ceticismo. Mas eu andei. Passei pelos olhares surpresos, os risos baixos, pelo desencanto de João, e nada daquilo me chamou mais atenção do que qualquer mosca que estivesse voando pelo local. O mundo é irrelevante aos que não pensam em viver nele. A garota saiu do bar, eu saí também, e seguimos direto para o fim da rua. As luzes dos postes se encontravam mais apagadas na medida que nos aproximávamos do local que ela estava indo. E eu apenas segui.

E quando eu mais me preparei para morrer, fui guiado a algo que me fez pensar, ao menos por alguns

segundo, em viver. Eu era o verme, o verme era eu, e como era isso que eu era, pisariam em mim, porque pisam nos vermes.

E no último poste onde havia luz, a menina abriu o portão e entrou, e ainda antes que eu grudasse a orelha na porta, já ouvia o choro vindo de lá. Do outro lado, havia claramente duas vozes femininas, uma mais fina e uma mais grossa. E não demorou que eu percebesse a voz grossa era da pessoa que eu perseguia. Mais adiante no portão, vi uma fresta, quando coloquei meus olhos lá, tive uma visão de tudo.

– Acabou – disse a voz chorosa.

A menina estava saindo de casa, entrando no quintal, quando a menina que eu segui pulou aos seus braços.

– É oficial! Terminamos, Clara. E... sabe o que é pior? Sabe? Eu... eu choro não por perdê-lo, choro porquê...queria alguém. É real aquilo que você me disse, Clara, é real!

– O que, Maria?

– Que se antes o amor servia como uma transcendência da alma, hoje serve como um refúgio da solidão. Eu vivi isso!

E ainda que eu estivesse relativamente longe, consegui ver os braços delas se apertarem ainda mais entre si.

– Clara – disse Maria, limpando as gotas d'água que escorriam por suas bochechas.

– Diz, Maria.

– Você pode recitar seu texto? Aquele...que fala sobre o paralelo do universo?

As duas se afastaram por um segundo, e Clara a encarou com um certo...fascínio.

– Você querendo meus textos?

Maria sorriu levemente.

– Acho que é disso que estou precisando agora.

E novamente as duas voltaram a se abraçar. Se passou um tempo,

e da boca de Clara, a menina que eu perseguia, eu consegui sentir, a cada letra que ela pronunciava, o verme dentro de mim comemorar pelo que sabia que eu ouvia. Era a esperança tendo esperança.

– A existência humana é paralela à do Universo. As estrelas são como nós, todas dispõem de uma graciosa única, tendo seu brilho independente de qualquer outra coisa que não seja a si próprio. O sol, obviamente, é o Santo Graal. A mais bela estrela – as outras somem ao seu lado. Já a situação lunar é de um valioso ensinamento; tudo que julgamos ser eterno, não passa de uma curta fase. Veja o outono e a primavera; em um perdemos as flores, em outro a recuperamos. Também o calor e o frio nos ensinam; somos insaciáveis por natureza. Sentimos frio, queremos calor; sentimos calor, queremos frio.

“A Terra completa sua volta ao redor do sol e está pronto para mais uma; tudo se repete. Vivemos num ciclo em que, embora mudem o cenário e as pessoas, o roteiro é o mesmo. Não nos esqueçamos dos animais. Nós, humanos, só os dominamos por nossa capacidade de se comunicar e raciocinar. E aqui, como um complemento ao que já era perfeito, há algo; a ironia. O que usamos para dominar as outras raças são justamente as mesmas armas que usamos para dominar a nós mesmos; e como os outros animais, sempre nos julgamos livres, mesmo vivendo em meio a grandes cercados. Enfim, nossa existência. Em si, tão significativa quanto um grão de areia no planeta, ou quanto um planeta no universo. Em suma, tudo é belo”.

Silêncio.

Consegui ver, quase sentir, Maria abraçar ainda mais a amiga.

– Em suma, tudo é belo – repetiu aos sussurros.

E por um tempo, ela se limitou apenas a chorar.

– É meu terceiro relacionamento, amiga, terceiro! Sinceramente, acho que amar e ter o amor quebrado é o que traduz a natureza humana. É que somos e para onde vamos. Porque não é possi...

– Você não pode pegar um caso e generalizar, Maria, ainda que tenha acontecido com você. Eu sei que é difícil enxergar além de nós mesmos, mas se não fizermos, o que viemos fazer ao mundo senão nos encararmos no espelho? – Pausa. Por um segundo elas só se encararam. – Você diz que a natureza das pessoas é quem dita o que são, mas se não sobra ao ser humano nem a capacidade de se transformar, como você espera sermos capazes de mudar qualquer coisa no mundo? Ou pior, o que nos sobra para viver, se tudo que fazemos é apenas o resto do que já está definido para sermos? – Pausa. – Não temos natureza, Maria, ou não teríamos criado o conceito de liberdade. Você só está...melancólica, mas você irá encontrar alguém. Tenha paciência.

– E o que é liberdade para você, Clara?

– Liberdade é ser escravo dos próprios desejos. E sinceramente, Maria, acho que esse é o sentido da vida; encontrar o que ama e viver e morrer por isso. – Pausa. – E tente ver pelo lado em que o copo está meio cheio; ao menos agora, tirando sua vontade de o ter, você é livre para tudo. Tudo!

Maria balançou a cabeça.

– A liberdade garante que você corra, pule, dance, lute, sinta, respire, inspire, grite, chore; que viva. Mas em troca ela não diz por quê. Isso é coisa do amor, e hoje estou só.

E dessa vez foi Clara quem balançou a cabeça. E se o verme já comemorava dentro de mim, agora ele tinha convidado até outros para

lhe fazer companhia. O que ela veio a falar depois, pareceu referir-se tão direto a mim, que eu senti, a cada movimento que fazia suas cordas vocais, um toque direto em minha alma. Eu tinha que ouvir aquelas palavras, e isso era tão real, que se eu não tivesse ali, ela teria dito outra coisa. Aquelas palavras eram minhas e de mais ninguém, e assim tinha que ser.

– Todas as suas inseguranças são apenas fruto de uma confusão mental – começou Clara. – Você não sabe para onde está caminhando, e é por isso que fica receosa a cada passo. Diz o que realmente no fundo você acredita. O que você ama a ponto de morrer por essa coisa. Busque isso. E quando encontrar, odeie! – Pausa. – Odeie a ponto de todos os dias se questionar se é isso que deve ser acreditado. Porque só assim você terá certeza de que é aquilo que acredita mesmo. É difícil, mas se você não fizer, terá um vazio, porque somos programados para acreditar em algo, e se não fizermos, terá espaços o bastante para não entendermos o que estamos fazendo aqui.

E com isso eu fui atrás. Corri o mundo todo para encontrar as peças que me faltavam, porque era sobre isso que se tratava; espaços vazios. Era disso que vinha minha confusão mental e nada mais, porque de fato  $1+1$  é  $2$ , e isso é visto facilmente se somarmos o volume da união das lágrimas. Ao menos foi isso que pensei por um tempo. A cada passo que eu dava, parecia que me afastava do que procurava. A única coisa que me sobrava para preencher a lacuna era o próprio vazio. Eu tinha ultrapassado a linha, e daqui em diante, não me restava nada que pudesse fazer. Sou um garoto opaco, o que me sobra para ser é matéria, qualquer ideal se escapa de minhas mãos.

$1 + 1 = ?$

Percebi, principalmente me lembrando do discurso da garota, que a

transitividade da vida somado a nossa capacidade de valorizar as coisas, transforma tudo que é lixo, em ouro. Fazemos até do brilho, algo obsoleto, basta que queiramos enxergar isso.

O costureiro diz que sua profissão é a mais importante, porque é ele quem dá roupa à população; o cabelereiro mostra nossa beleza externa; o médico cura nossas doenças; o advogado é nosso maior confidente; o engenheiro é quem projeta nossas lindas moradias...e assim se segue; todos tem motivos para se julgarem incríveis.

Mas a gota d'água, o mililitro de corante que mudou toda a cor de minha vida, foi uma sequência de três aulas que tive na faculdade, justamente quando eu me procurava. Primeiro estava no campo de Letras. A professora, confiante de si própria, disse que sua matéria trabalhava com uma ironia metafísica que a tornava a coisa mais bela do mundo; para falar das palavras, ela precisava falar com palavras. Em suma, havia uma metalinguagem intrínseca no curso que tornava tudo mais belo que nunca.

Mais adiante, tive aula com um professor de Direito, que fez questão de exaltar a importância da área baseando-se no fato de que somente os documentos que estudaríamos era o que garantiria que estivéssemos ali; “estudaremos o motivo de você poder se sentar na cadeira”, ele pontuou. E se não bastasse, depois chegou o filósofo afirmando que “a Filosofia é a matéria mais importante, pois ela, e somente ela, nos ensina o que sempre faremos; viver”.

Tudo isso é ilusão. Filosofia, matemática, arte, ciência, religião tudo para mim é um fracasso, e o que sinto ao encarar todos esses motores que guiam as pessoas, é o mesmo que sinto ao me encarar no espelho. De início pode até parecer

belo, complexo, cheio, grandioso, mas a verdade é que tudo é ilusão. E essas ilusões estão sempre vestidas de um véu com um tecido fino, liso e coloridamente belo, e por isso, nos esquecemos do que se esconde por trás. Mas o sol sempre volta, e sua luz sempre deixa o pano translúcido, e a verdade, a coisa crua que se encontra do outro lado, é que o homem letrado não é entendido por quase 90% dos ouvintes ou leitores, o Juiz está quase sempre prendendo inocentes e a Filosofia nunca salvou ninguém.

Consegue me entender? Eu não consigo ( $1+1=2?$   $1+1=1?$ ). E o que eu não sei, e isso me machuca mais do que tudo, é se o problema do mundo é ser vívido demais, a ponto de tudo ter cor, ou morto demais, a ponto de qualquer imbecilidade soar genial. Eu não entendo o mundo, e para piorar, eu nem sei se ele é capaz de ser compreendido ( $+11=?$ ).

Por isso agora, encarando a arma, só consigo pensar que talvez o inferno só seja tão quente porque o comparamos com o paraíso. Certa vez ouvi que há duas formas de se suicidar; com um tiro na cabeça ou deixando de dizer o que sentimos. Hoje vou de primeira opção, e não apenas porque não tenho ninguém para me ouvir, mas também porque não tenho nada a dizer. E ainda se tivesse, me mataria, já que morto eu teria mais consciência de que ninguém se importa comigo. Ninguém se importa com ninguém.

Virei para o lado e liguei a caixa de som, permitindo que o som estridente percorresse meu quarto. Não fiz isso porque quero disfarçar o barulho do tiro, mas porque é nas batidas que me escondo da minha triste solidão. Na solidão do mundo.

E sendo a profundidade do inferno menos extenso que o vazio do meu peito, não há por que eu temer a morte.

*Meu nome é Kassem Espíndula Abdala, nasci em Teófilo Otoni (MG), e desde que me conheço, amo contar histórias. Com o passar do tempo desenvolvi um amor pela leitura e logo em seguida, comecei a escrever. Inicialmente era para ser só um passatempo, um hobby, mas isso me completou de tal forma que hoje boa parte do que sou, é a escrita. Faculdade: Puc-Campinas . Curso: Direito.*





// patriciafer



Quando me interesso por algo, é de maneira quase obsessiva. Anos da minha vida são dedicados a essa mídia, sempre foi assim, e acho que sempre será. Porém, algo que eu, ou qualquer familiar, não imaginaria se alguém me dissesse há alguns anos atrás, é que particularmente me interessaria por colecionar bonecas, aos quase vinte e seis anos de idade, ao ponto de catalogar e anotar os próximos lançamentos para ficar atenta às novidades.

Todos estranhariam alguém dizer isso, pois, oras, ela odeia bonecas, não? Além de ser excluída muitas vezes nas brincadeiras porque se recusava a levar sua Barbie, e queria que o amigo dela fosse um enorme urso de pelúcia, odiava também coisas excessivamente femininas, uma moleca que sempre dizia para a mãe “se temos dinheiro para roupas novas, eu quero livros novos então” (céus, é um pouco vergonhoso lembrar dessas atitudes, mas o que esperar de uma aborrescente de treze anos que sonhava em ser escritora?), e fazia birra de ter que usar vestido em ocasiões que demandavam tal vestimenta. Então como, e por que, ela mudou drasticamente assim?

Bom, acho que parte desse ressentimento todo a vestidos, saias, “cores de menina” veio de, ironicamente, minha mãe me tratar como se fosse sua boneca. Lembro que até uns anos atrás, ela brincava que minha aversão ao feminino estereotipado foi por tanto ela forçar roupas, penteados que puxavam meu cabelo e afins (como a maioria das crianças

dos anos 2000). Acho que tem um fundo de verdade, mas não tenho ressentimento nenhum sobre isso hoje em dia, até mesmo porque agora adoro vestir rosa, usar vestidos e saias de vez em quando, e às vezes me aventurar com um gloss cheio de glitter. Importante ressaltar que, mesmo tendo uma fase bem moleca, fui (poucas vezes) repreendida por isso, ainda bem. Era realmente a fase típica de ser revoltada e sem causa.

E agora mais velha, o que eu percebo na verdade, é que eu gostava sim de bonecas. Mas não para brincar, e sim admirar as roupas pequenas, mas tão bem elaboradas e pensadas, seus rostos, os penteados mesmo com gel, que endurecia completamente as mechas de plástico. Odiava pensar em me desfazer dos penteados extravagantes, de sujá-los, quebrá-los ou qualquer mísero dano que fosse, e isso foi, erroneamente, interpretado por mim, e por todos ao meu redor, que era desinteresse. Juntando isso com a adolescência, e a necessidade de ser “do contra”, fez com que, por muitos anos, recusasse a ver que na verdade eu poderia ser “como as outras garotas” e que estava tudo bem gostar de “brinquedos de garota”. O culpado, no fim, era o machismo juntado à imaturidade de querer ser vista como única e ser levada a sério.

Hoje em dia, mesmo tendo passado dessa fase de misoginia internalizada latente, cá estou, ainda assim, refletindo sobre esse hobby novo que desenvolvi, se é fútil demais ou infantil demais, se é consumista demais, e se deveria continuar a tê-lo, mas sincera-

mente? Não ligo mais. (Tirando a parte de ser consumista demais, é importante se manter atento com isso mesmo, mas com qualquer hobby é importante ter esse pensamento, sinceramente, enfim, continuando) Já passei da idade de ter pensamentos bobos assim, e prefiro só ouvir alguma fofoca aleatória no Youtube enquanto crio poses novas para as bonecas enquanto decido que roupa elas vão usar, com a companhia dos meus gatos no meu colo, sem me preocupar se estou sendo levada a sério ou não, mas, que é bem esquisito o quanto a sociedade impõe regras estranhas, e muitas vezes contraditórias, sobre como deveríamos nos portar dependendo da sua idade, e é isso.

Essa é a crônica, juntando a paixão pela escrita, que tenho desde os treze anos (não disse que meus interesses perduram por bastante tempo?) para refletir com uma nova paixão aos quase vinte e seis, já que todo dia quero falar sobre isso, e aqui não seria diferente!

*Nascida em 24 de Outubro de 1997 em São José dos Campos, Letícia Nobrega Kremer gosta de estudar diversas línguas, jogar videogame, assistir anime e ler livros principalmente de ficção. Escreve como um hobby desde criança e foi assim que decidiu estudar no curso de Letras, tanto para se tornar uma futura professora quanto tradutora e, quem sabe, uma escritora também.*

# *Aquela que me olha*

Mariana do Nascimento Almeida

Às vezes nos deparamos com situações previsivelmente inesperadas, situações que evitamos, e evitamos ao máximo para que não haja um desconforto (social), mas a verdade é que em dado momento a situação virá, e terá de ser enfrentada, confrontada, desembaraçada, olhada, admirada, e o pior: vivida. Isso me aconteceu certa vez, num momento sem extravagâncias, totalmente desenfeitado ou articulado.

Como mais um dia em que o sol nasce e se põe, o sol nasceu e eu passei por ele como quem espera pela mediocridade do hoje para o amanhã, esse foi o dia da qual eu me lembro, o atravessando como uma criança que anda descalça pela procura do chinelo perdido, recém-saído da piscina, se direciona pro chuveiro, que nada mais é do que uma ironia, um objeto desprezioso que compete com a brilhante piscina com água borbulhante.

Bem, foi assim que passei aquele dia, mas em determinado momento, me vi olhando uma jovem mulher, uma daquelas que viveram e vivem na minha vida, mas havia tempos que não a via, olhei-a de longe como quem não quer nada, mas precisava vê-la, vê-la com mais cor, vê-la com mais luz, aproximei-me despretensiosamente, ela, toda ela, parecendo como nova, como nunca fora antes, ela me olhava.

Os cabelos molhados, toda gelada, ela olhava para mim e eu para ela, um olhar veemente. Ela podia me derrubar com um só olhar, podia, podia, mas não queria. Queria que eu a olhasse, e olhasse bem, a visão absoluta de quem ela era e de quem ela foi.

Foi ela que me impediu de dizer tchau, de fazer a visita, de não aceitar a viagem, mas fazia tanto tempo que eu não a via, e quanto mais eu a olhava percebia que ela não era mais a mesma, claro, a quanto tempo havia entre o hoje e o os infortúnios ocorridos, ela não poderia mais me reprimir, afinal, em dado momento tudo acaba, tudo passa, as mentiras, a raiva, as falsas esperanças, o vazio.

Fazia tempo que eu não a via, e isso me inquietou, pois eu já não era a mesma e ela sabia disso e que bom que sabia, e me olhou com estranha ternura, com uma infinidade de olhar finito que só eu e ela poderíamos entender.

— Querida, tudo bem?

Mas como tudo acaba...sequei o espelho e saí, finalmente, saí.

Mariana do Nascimento Almeida é  
estudante da Faculdade de Letras da  
PUC-Campinas.

# Outra margem

Timóteo Colares C. Maciel

Não sou uma pessoa má. Eu morava em um povoado no coração da floresta amazônica, exuberante em todas as suas formas de vida e cores. Lembro-me de que não tínhamos quase nada além de nossas canoas e redes de pesca. A maioria de nós tinha bocas para alimentar, então trabalhávamos o dia inteiro. Mas a vida poderia ser boa.

Quando o novo prefeito assumiu, decidiu presentear nosso povoado com alguns rádios. Ficamos muito contentes. Sempre depois do trabalho, meus companheiros e eu nos sentávamos sob o alpendre de casa, de frente para o rio, para ouvir músicas, novelas e ficar por dentro do que acontecia na cidade.

A cidade, bastante afastada, crescia e se transformava em um lugar terrível. Dali saíam homens em busca de ouro nos córregos próximos, e, nos últimos meses, muitos deles estavam morrendo ou enlouquecendo. Ninguém sabia exatamente a causa, pois não havia sinais de violência. Começaram a suspeitar dos índios. A suspeita virou certeza depois que um garimpeiro conhecido foi encontrado degolado à beira do rio.

“Os índios estão matando nosso povo”, disse o prefeito. “Os índios não entendem que estamos trazendo progresso e desenvolvimento para esta região!” Ele convocou a população para ajudar nas investigações, prometendo recompensas para quem colaborasse na prisão dos índios que habitavam as florestas próximas. Ouvíamos tudo pelo rádio. Nosso povoado ficou aterrorizado com essas

notícias, e todos começaram a sair de casa com suas carabinas.

“Não são da nossa gente!”, repetia o prefeito. “Essas pessoas não se desenvolveram; são animais! Não tenham medo de apertar o gatilho, se necessário.

Eles não hesitariam em nos degolar!”

Nessa época, o rio começou a ficar desprovido de peixes, e as coisas se tornaram difíceis em nosso povoado. Meus dois filhos adoeceram, e minha esposa sofria de fome. Um dia, voltando da pesca com a rede vazia, avistei um índio na margem oposta do rio. Vi apenas o pequeno cocar de penas vermelhas e um pequeno arco com uma flecha. Lembro-me de ter desejado capturá-lo com minha rede. Ele desapareceu na escuridão da mata.

As coisas pioraram. Alguns de nosso povoado, incluindo eu, foram à cidade pedir favores ou trabalho em troca de dinheiro ou comida. Eu consegui alguns bicos, mas voltava para casa exausto e cheio de raiva.

Com o passar dos dias, comecei a ver muitos índios na cidade. Eles eram capturados e levados amarrados, rendendo bons lucros para os caçadores. No entanto, a fome persistia, e nosso único consolo ao final do dia eram as músicas e novelas do rádio.

Uma vez, quando estava indo para o rio, avistei novamente o mesmo índio na margem oposta. Seu cocar de penas vermelhas e o arco com a flecha encaixada.

Ergui minha carabina e atirei. Uma revoada de pássaros alçou voo alto enquanto o corpo do índio caía do

pequeno barranco em direção ao rio, após os disparos. Não pensei; simplesmente fiz o que achava que deveria fazer. Peguei minha canoa, alcancei a margem e coloquei o corpo do índio dentro dela. Vomitei algumas vezes. Remava com o corpo do índio na proa da canoa até a cidade. O sangue se acumulava no fundo da canoa, e eu usava uma cuia para jogar água do rio e tentar limpar, mas o índio, aquele índio que eu havia abatido, não parava de sangrar. Quando cheguei ao cais da cidade, a canoa inteira estava coberta de sangue. Ganhei um bom dinheiro, afinal, o índio era grande. Colocaram o corpo em uma carroça, e gotas de sangue pingavam pelo chão.

Não voltei para casa de mãos vazias. Era domingo, e comemoramos com um bom almoço. No final da tarde, deitei-me na rede sob o alpendre. Tentei cochilar, mas não consegui, então comecei a observar o rio e a margem distante. De repente, vi algo mexendo lá longe, na mata, que saiu para a margem. Era uma índia segurando um recém-nascido no colo. Desceu do mesmo barranco e ficou olhando para o rio por alguns minutos. Ela se abaixou e pegou algo; agora sei que eram as penas. Ela olhou para o horizonte, mas parecia estar me encarando. Escondi-me na rede.

Quando tive coragem de olhar novamente, ela já não estava lá.

Não sou uma pessoa má; sou apenas um pescador.

# Gratidão quântica

Timóteo Colares C. Maciel

Na sexta passada, eu estava perambulando pelas ruas do centro depois de sair de um sebo quando esbarrei em homem de meia idade, magro, alto e barbudo. Bem caricato, ele usava uma boina surrada e segurava um jornal. Resolvi entabular conversa. Era um homem resoluto e odiava a nossa época. Percebi isso logo de início e resolvi reclamar sobre os tempos modernos, pois que melhor maneira de entrar em uma conversa senão reclamar a respeito de qualquer coisa?

Então ele desabafou sobre como os tempos mudaram e como sentia falta da parte do dia em que se reunia com os amigos, jogava conversa fora e reclamava das coisas da vida.

— Hoje não se pode mais reclamar. Essa onda de pensamento positivo se espalhou pelas praças e pelas ruas!

Ele olhou para os prédios cinzentos, com os olhos semicerrados depois de uma pausa dramática, respondeu-me como um teórico do tema, articulando bastante as mãos.

— Querem tirar nossa humanidade, nosso direito de reclamar! “Sua vida está ruim do jeito que está porque você não agradece”, eles falam. Fica aí reclamando por qualquer coisinha! Ah, pare de reclamar do seu trabalho e agradeça por ele! Confie no processo, se contente com seu quinhão e agradeça! Ontem mesmo fui visitar um amigo, comecei a conversa falando de uma notícia e ele pediu para que eu parasse de falar.

— Por quê? — perguntei.

— Ele entrou numa onda dessas de...como chama?

— Gratidão quântica?

— Isso, ele entrou nessa coisa dos átomos. Ele se bitolou com uns coaches e agora quer afastar qualquer reclamação ou ondas negativas de seu “campo energético quântico emocional”. Acho que foi assim que ele falou. Agora ele não lê mais jornais, nem faz mais nenhuma crítica sobre nada. Virou um vegetal! Simplesmente inconversável.

Conjecturei então que talvez tudo fosse questão do marketing numa época vazia de sentido. Ele concordou e seguiu em diante a sua tese.

— Esses caras empacotam qualquer ideia genérica e vazia com um nome diferente e vendem para as massas.

— O que querem afinal? — perguntei.

— Além de vender seus cursos e livros? Eles querem doutrinar, robosinhos da gratidão e das frases prontas motivacionais, cidadãos e funcionários obedientes com poucas ideias na cabeça. Meus amigos todos da repartição entraram nessa onda e não tenho mais com quem conversar.

— Como conversar sem uma reclamaçãozinha? — sugeri sorrindo.

— Exatamente! Agora eles só querem tentar imaginar o lado positivo de tudo. E, se você critica o governo, te censuram e dizem que dá azar, que isso vai comprometer o campo energético dos ministros e do presidente. “Agradeça pelo seu presidente”, eles falam, “para que o Brasil melhore você tem que mentalizar!”, “o que você pensa muda as coisas à sua volta.”, “mande energias quânticas positivas para

um Brasil melhor.”. De repente, parece que todo mundo surtou em Polianas quânticas!

O celular do homem tocou e ele disse que tinha que ir. Despediu-se de mim apertando forte minhas mãos, como que agradecendo por finalmente conseguir reclamar em uma conversa. Que sujeito interessante, pensei.

Então continuei minhas andanças. Subi à praça Bento Quirino e fiquei contemplando a Basílica, imponente e eterna.

Estava um calor dos infernos como está hoje.

Fechei os olhos e mentalizei minhas ondas quânticas de pensamento lutando contra a radiação solar. Meus pensamentos venciam o sol.

E finalmente, toda a terra tornou-se sem forma e vazia. Minhas ondas quânticas de pensamento pairavam sobre a face das águas.



# ***POEMAS***

---

# *Me fale sobre as rosas*

---

*Ana Catarine Mendes da Silva*

Me fale sobre as rosas  
Você ainda cuida delas?  
Se bem que não me lembro  
De ver você cuidando das minhas pétalas.

Eu era uma rosa,  
Bonita de se ver  
Mas minha alma,  
Tão profunda e cheia de desejos,  
Sonhos e almejos,  
Era demais para você.

Eu era uma rosa,  
Mas pra você eu era espinhos  
Não era o suficiente  
Para ser cuidada  
Pela sua jardinagem  
Tão fajuta.

Eu era uma rosa,  
Mas pra você,  
Eu só era uma flor bonita  
Legal de mostrar para todos,  
Mas que murchava aos seus cuidados.

É uma pena que nunca tenha percebido.

*Ana Catarine Mendes é mestranda em Multimeios pela Unicamp, pós-graduada em Arte, Cultura e Educação pela Faculdade Intervale, bacharel em Relações Públicas pela PUC-Campinas, e atualmente reside no Interior de São Paulo. Ana é autora dos livros de poesia Eu te amo, eu te odeio e Me fale sobre as rosas, dos contos Palácios de Corações e Para Sophie, com amor, entre diversos outros trabalhos.*

# *O Proletário*

---

*Leonardo Lendário*

Acorda cedo  
Mas já está atrasado  
Enfrenta o busão lotado  
Seu café sempre está frio e amargo

Pão murcho cada mordida estica igual borracha  
Seu instrumento é a colher e a enxada  
Pelo sol sua pele está ressecada  
Constrói casa sem ter a sua

No almoço come marmita fria  
Mistura é só no 5º dia  
Mão cheia de calo  
Na volta para casa o cansaço o desmorona no banco da busão

Olhares de preconceito ainda mutilam seu coração  
Roupa suja de terra é seu uniforme  
Em casa a rotina de ontem se repete novamente  
Banho gelado, ouvir as notícias no rádio, jantar e dormir

A cada noite antes de dormir questionamentos não param de surgir: trabalho tão duro e na vida não progredi  
Lágrimas escorrem pelo seu rosto, no peito o sentimento é de decepção e desgosto  
O dinheiro não é suficiente  
Não vivo, sou apenas um sobrevivente.

*Nascido e Jundiá, mas vivendo em Louveira há 24 anos Leonardo Lendário como é conhecido no mundo artístico, dialoga em diversos campos das artes visuais como: graffiti, desenho, ilustração, arte digital e pintura em tela, atualmente o artista atua como arte educador de oficinas de graffiti e arte para idosos, o seu contato com a poesia se inicia no ano de 2019 onde o seu interesse de expressar seus pensamentos e ideias para além das imagens é estimulado por um colega de trabalho Anderson Gomes, anos mais tarde em 2023 o artista é convidado pela escritora Debora Cunha a ilustrar os livros “Feliz Cidade” e “Colorindo a Feliz Cidade” e ao ter contato direto com a escritora ela o estimula a voltar escrever e a confiar mais em seu trabalho.*

# *Déjà vu*

---

*Niara Rocha*

Embaixo da porta trancada,  
uma poça vermelho-sangue,  
deixava a soleira encharcada.

Quanto mais eu limpava.

Mais ela aumentava.

Procurando as chaves  
eu perguntava, o que havia.

Ele, contrariado,  
com aquele semblante de coitado,  
suspirava e respondia:

— Você é louca, sabia!?  
e eu acreditava, ignorando as gotas de sangue,  
que salpicavam da sua barba azul brilhante.

*Niara Rocha de Aguiar é mineira, nascida em Vale do Jequitinhonha/MG. Atualmente, mora em São João del-Rei/MG, onde trabalha como servidora pública e graduou-se nos cursos de Filosofia e de Ciências Biológicas.*

*É membro do Coletivo Margem de escrita. Escreve poemas, contos e devaneios, tentando criar imagens com as palavras.*

*Instagram: @flor.delotus21.*



# ***Eu sou***

---

*Igor Gabriel Mendes Neves Miranda*

Eu sou a voz que ecoa no ser,  
A alma que observa o amanhecer.  
Sou quem guia os passos na jornada,  
Conhecendo cada ponto de sua estrada.  
Eu sou a voz da razão, suave como palha,  
Que encoraja a enfrentar qualquer batalha.  
Sou o eco dos sonhos em seu coração,  
Que impulsiona à realização.  
Eu sou a força interior,  
Que faz superar qualquer dor.  
Sou a chama da emoção,  
Que faz seguir com determinação.  
Eu sou o abraço nas fases sombrias,  
A voz doce que acalmas as agonias.  
Sou o confidente dos segredos,  
E apoio fiel na hora dos medos.  
Eu sou cada verso, cada rima,  
Expressando minha essência com estima.  
Sou cada palavra escrita, sou a verdade  
E na poesia, liberdade!  
Eu sou feito de momentos e estradas,  
De risos e quedas superadas.  
Sou uma constante evolução,  
Um livro em construção.  
Eu sou um ser complexo,  
No espelho um reflexo.  
Sou eu mesmo, e daí!  
Uma poesia em si.

*Igor Gabriel Mendes Neves Miranda, 24 anos, natural de Pirassununga/  
SP. Bacharel em Filosofia e aluno do Curso de Teologia na PUC-Campi-  
nas, e seminarista da Diocese de Limeira/SP.*

# ***Bebo veneno diariamente***

---

*Ana Catarine Mendes da Silva*

Bebo veneno diariamente  
E me acostumo com o amargor  
Que queima a garganta  
E sangra os lábios  
Fazendo com que lágrimas  
Derramem pelo rosto  
E queimem como ácido

Explodindo em batidas  
De corações demarcados  
Por veias falidas  
E vasos quebrados  
Por coágulos  
Escuros e mofados

De quem acha que ainda vive  
Mas já morreu há muito tempo  
E agora só tem vermes  
Que roem por passatempo  
Essas frias carnes  
De um corpo frio no sereno

*Ana Catarine Mendes é mestranda em Multimeios pela Unicamp, pós-graduada em Arte, Cultura e Educação pela Faculdade Intervale, bacharel em Relações Públicas pela PUC-Campinas, e atualmente reside no Interior de São Paulo. Ana é autora dos livros de poesia *Eu te amo, eu te odeio* e *Me fale sobre as rosas*, dos contos *Palácios de Corações* e *Para Sophie, com amor*, entre diversos outros trabalhos.*

# Quem sou

---

*Letícia de Souza*

Quem sou eu?  
Se nenhuma voz mais falar  
Sem nenhum vento a soprar

Quem sou eu?  
Se olhares não mais encontrar  
Sem conexões para desconectar

Quem sou eu?  
Se nada puder pulsar  
Sem toques para afagar

Quem sou eu?  
Se do jardim flores arrancar  
Sem pétalas para contar

Quem sou eu?  
Se todo amor findar  
Sem brindes para celebrar

Quem sou eu?  
Se todo papel rasgar  
Sem páginas para virar

Quem sou eu?  
Se eu for por mim só  
Sem o outro para só comigo estar

*Meu nome é Letícia de Souza. Sou graduada em Licenciatura Letras:  
Português/Inglês na PUC – Campinas (2022). Eu moro em Vinhedo e  
atualmente trabalho com PLL teacher no Sant'Anna International School  
aqui em Vinhedo.*

# *Spleen in urbem*

---

*Timóteo Colares C. Maciel*

Eu morava no campo,  
Onde tudo era mais simples.  
Onde os socós esvoaçavam pelos prados.  
Os morretes, pelas nuvens, olvidados.

De manhã, eu caminhava ao redor do grande lago.  
Às vezes, ficava lá por horas a fio,  
Só para aproveitar aquela boa falta de lembrança,  
Em minhas descuidadas andanças.

Quando cansava e a tarde caía,  
Eu ia até a saudosa vila.

Conversava com bons amigos.  
E quando eles partiam,  
Eu subia as veredas em ladeiras.  
E assim poderia ir-se uma tarde inteira,  
Sem tempo para voltar.

Mas hoje, em uma grande cidade,  
Sufoco por entre os prédios.

Não há mais lago para ver meu reflexo.  
Apenas edifícios pontiagudos, titãs de concreto.  
Fazem-me sentir um inseto.

Não há mais esquecimento  
Para o meu grande tormento.

*Timóteo Colares C. Maciel nasceu no Rio de Janeiro, mas foi criado no estado do Pará. Veio para São Paulo estudar medicina. Em tempos livres dedica-se à leitura, à escrita e à música, suas grandes paixões.*

# ***Procrastinação***

---

*Arthur Zullo*

Depois eu vejo.  
Depois eu faço.  
Depois eu digo.  
Depois eu abraço.

E quando o tempo acabar?  
Quando o “depois” virar  
“Não deu, pois...”?

Quando pessoas virarem saudades  
E desejos nada mais que vontades?  
Não sei,  
Depois eu vejo.

*Meu nome é Arthur Zullo. Tenho 23 anos, sou estudante de Letras na PUC-Campinas. Gosto muito de linguagens e arte no geral.*



# *Ciclos*

---

*Livia Gurgel*

Às vezes oriento quem não é daqui,  
Às vezes eu sou a turista perdida.

Ora aponto o dedo,  
Ora o dedo aponta para mim.

Sempre busco a felicidade,  
Mas nem sempre ela me busca.

Nunca procuro o ressentimento,  
Mas ele sempre quer participar.

De vez em vez, chega minha vez.  
De vez em sempre, chega a vez dos outros.

Tudo são fases  
E as fases são tudo.

# Mãe

---

Camila Souza

Eu cresci vendo a minha mãe trabalhando  
E em mil mulheres se desdobrando pra família sustentar  
Eu cresci vendo minha mãe ser forte, quando precisava de um norte  
Um colo, uma ajuda, um tempo pra descansar  
Eu cresci vendo minha mãe ser criticada  
Taxada de fria e insensível  
Porque não correspondia com a “boa mulher do lar”  
Essa é a parte que mais doía, pois ela sempre era o guia  
E quem tinha afeto para dar  
Eu cresci ouvindo que minha mãe colocava  
A mão onde não alcançava quando ela ousava sonhar  
Eu cresci vendo gente evitar a nossa casa  
Por ser de adobe e chão batido inadequada pra recepcionar  
Eu cresci vendo minha mãe perder os dentes  
Não fazer o tratamento pra os filhos alimentar  
Eu cresci vendo minha mãe priorizar a saúde do marido  
Para que suas filhas e seus filhos crescessem com um pai  
A quem pudesse se inspirar  
Eu cresci vendo minha mãe ser resistência  
Quando já dada a sentença que ela iria fracassar  
Eu cresci vendo minha mãe ser a última a dormir e a primeira a acordar  
Eu cresci com minha mãe na labuta, com ela aprendi lutar  
Eu cresci com minha mãe sendo esperança  
Que meu sonho de criança ia se realizar  
Se hoje sou forte e resisto  
É porque tenho uma mãe exemplar.

*Graduada em Letras Português e mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros- MG. Atualmente, atuo como professora na rede pública de ensino, na cidade de Uberlândia-MG. Sou norte-mineira, morei boa parte da minha vida na zona rural e tive como distração o rabiscar no chão e no papel para recriar minha própria realidade.*

# Coffee

---

*Giulia Maia Guimarães*

You were just like coffee  
You used to make me feel happy to get out of bed  
You were my favorite  
Never failing to be warm with your actions

But one day the same warmth  
Was so strong that the steam  
Made things unclear  
And my fingers wouldn't bear to touch it

You were just like coffee  
But I burned my tongue  
And ever since  
You never tasted the same

The coffee got cold  
You still had me under your spell  
Through samples of what you used to taste  
It was nostalgic, bittersweet

I tried to make it sweet again  
No sugar or sweetener were enough  
You were not warm anymore  
And still managed to leave burn marks

*Giulia Maia Guimarães é estudante da Faculdade de Letras da PUC-Campinas.*

# ***Eu em mim***

---

*Marcelle Fonseca Parreira*

Acho que eu me perdi dentro de mim  
Em uma história sem começo, meio ou fim  
Eu só consigo ver as coisas acontecerem  
Sem muito apego

Sem reação  
Deixo ir  
Não me permito sentir coisa alguma

Assim é mais fácil  
Sem sentimentos  
Sem expectativas

Sem pessoas feridas no processo  
É isso o que eu devo fazer?  
Parar de sentir  
Parar de...ser?

Ser eu mesma  
Com todos meus defeitos  
Mas também com qualidades

Com todos meus bons feitos  
Mas com meus vários defeitos de bagagem  
Eles me fazem ser quem sou

Moldaram o meu ser  
Deveria eu me permitir...ver?  
Ver novamente quem habita em mim  
Esse ser cheio sentimentos

De talentos  
Pronto pra errar  
Para acertar

E tentar de novo  
E de novo  
Em uma história sem fim

*Meu nome é Marcelle Fonseca Parreira e  
sou aluna de Design Digital na PUC.*

# *O Vaga-lume*

---

*João Reame*

No breu...  
No breu os olhos param de funcionar,  
Aguçam-me a audição e o olfato;  
Guia-me o tato,  
Mas tenho medo de tropeçar.

No breu...  
No breu me sinto sem direção.  
Estarei eu indo ou vindo?  
Preferia não estar ouvindo  
Meus pulmões e meu coração.

No breu...  
No breu surge o vaga-lume,  
Tão súbito como seu clarão  
Que ofusca minha visão  
Acostumada com o escuro.

No breu...  
No breu há alguma luz  
Pequena e repentina.  
Muito fora da rotina,  
Seu brilho me seduz.

Num piscar de olhos,  
O breu retornou,  
O vaga-lume foi embora.  
Qual direção sigo agora?

*João Reame é um poeta ocasional. Conheceu a beleza e o gosto por versar ao usar os papéis como ouvintes em sua jornada de (re)descobrimto pessoal. Desde 2019, vem escrevendo poesias a respeito de suas vivências, sentimentos, indignações e nostalgias, sempre usando a ambientação e aspectos da natureza para enriquecer a leitura e interpretação. Em 2021, organizou uma série de seus poemas em um livro de nome "O apagão e o Vaga-lume", onde expõe tudo que se passa em seu íntimo durante e após uma ruptura familiar.*

# ***Brincar de ser feliz***

---

*Paloma Guimarães de Lima*

Eu fui brincar de ser feliz  
agora não sei mais parar.  
Então, quando digo que não te quero mais,  
não adianta forçar!  
Eu aprendi a me refazer  
e a solidude não temer.  
Por isso, repito a quem me fez sofrer:  
sua energia não aceito mais  
perto do meu ser!



# ***Torpedo gôndola atroz***

---

*Diogo Setin Mosna*

Encarando o abismo da insanidade através de olhos embaçados,  
Pelejo para me afastar do feixe de pureza que espreita minha solitude.  
As regeiras do passado não sabem o momento de me deixarem vanescer  
O medo de eu conseguir seguir em frente (não há como).  
Desconfio que minha alma esteja presa em uma contínua fantasmagoria  
Regida por uma multidão de silêncios  
Tão silenciosos que fraturam em estrondoso sussurro meu arcabouço.  
Em gradativo desabamento, perco-me de quem já fui,  
Afundo-me no que apodreceu.

E na tentativa de me agarrar ao que restou,  
Percebo que a casa está vazia.  
Somente eu: pétreo vulto da consternação.  
A dor é intrínseca à vida, penso;  
Então, de nada adiantará tentar escapar dessa vertigem angustiante.  
Não busco mais saídas e recorro a atalhos para acelerar o declínio.  
Vou caindo-me no lapso do esquecimento,  
Pairando sobre o funesto chão- rogo por breve definhamento.  
Rogo para que a existência ganhe um prefixo hostil,  
Para que, finalmente, remanesça em mim apenas vácuo,  
Dissipando as mágoas acres para um canto distante.

Um canto, talvez, adormecido pelo mormaço do alquebramento,  
Como uma Veneza entorpecida diante dos canais sórdidos  
Que correm perfurando seu cadáver acrônico.  
Fosse, talvez, um mecanismo de autodestruição, e eu, o bode expiatório,  
Sustentando os remorsos e as falhas de alguém extorquido de mim,  
Um alguém tão defasado que não responde mais aos toques do tempo,  
Um alguém que se foi embora e deixou um vazio imenso do qual nasci.  
E de sua catarse surgiram-me torso e coração, mãos e tripas,  
Só não surgiu um espírito, uma vez que nas veias do meu talhe  
A vida é o torpedo que lancina a gôndola da minha carne.

*Meu nome é Diogo Setin Mosna, tenho vinte anos e sou discente de Jornalismo na PUC-Campinas. Busco expressar meus pensamentos e minhas angústias mais íntimas através de minhas produções literárias, ao longo dos anos. Possuo um tipo de escrita mais introspectiva e figurativa, com um enfoque na "autoficção".*

---

*Marina Pupo*

em súplica eu descarrego no pranto o desejo de ir embora. “eu quero ir embora, eu quero dar o fora”. vontade essa que não se explica assim como também eu mal respiro.  
eu não respiro.

procuro pela saída de onde nem sei como entrei. como vim parar aqui? eu não me lembro.  
adormeci e levantei entre quatro paredes e agora elas se fecham. elas chegam e me fecham. empurro. urro! e escuto meu eco dentro e dentro de mim.

vácuo

se eu soubesse...  
se todos soubessem e eu também, escutaríamos meu corpo, meus batimentos, pois me sinto, nesse instante, nesse mesmo instante, um animal em abate. uma porca.  
rosto abatido, corte raríssimo e em pedaços.  
eu não sei de mais nada. e quanto mais penso em saber, percebo que menos me importo. eu deixei de me importar e me deixei também.

em passos rasos, ficam em aberto todas as feridas que me expõem, me expurgam, me botam fora das mãos, dos braços, poros. me põem fora do mundo.

o que eu finjo que sei sobre mim, sobre a vida ou sobre qualquer ponta de dúvida que há escorre pela minha boca, esvai pelos meus ouvidos, atinge todo o resto e permanece no medo.

bate! bate e volta mais forte. me rasga e penetra. passeia por mim e me coloca em entraves.

em crise, encontro com o chão. me varro pelo ralo enquanto mordo os lábios para me apaziguar.  
a água vaza. meu corpo é osso e músculo que não me servem, já não me cabem mais.

eu não os quero mais! eu quero o longe, o vazio que me transborda e o tanto que me falta. todo esse resto que me sobra de estragos, de uma história tão sem fim, sem mim. eu queimo em jorrada e me enterro nessa vida emprestada às doses de loucura. eu quero me enterrar.  
me agacho e me faço então inteira submissa enquanto sustento meus nervos em fervura.

eu não sei mais quem sou.  
lavo as mãos, entorto os dedos.  
eu sequei.

o que haverá de mim, o que existe para além de tudo o que sou e do que me tornei?

engasgo em demasia, em tropeço, em soluço.  
eu quero me findar.  
eu quero acabar.

no colo, abraço as pernas como quem, sem pedir, fecundou.

mas, em contrário, agora me habita uma desmedida aflição de partir...  
assim, eu fico.  
fico?

Marina é socióloga e mestre em linguagens, mídia e arte, ambos pela PUC Campinas. Humana, adotada por gatos, é também mato e estragão.  
Autora de “Ainda estou aqui”, livro lançado em 2020 sobre a morte, o luto e as cascas que nos constituem na memória do dilaceramento.

# ***Poetizando o ser***

---

*Natália Nogueira*

Escrever sobre a vida  
parece ser cada dia mais complicado.  
Como vou escrever sobre algo  
tão delicado?

Não posso escrever sobre a vida  
sem contar sobre os sabores e  
dissabores que continuam a reverberar.

Não posso escrever sobre a vida  
sem abordar como o amor  
ainda consegue assustar.

Escrever, escrever e escrever.  
Como encontrar palavras o suficiente  
que definem a complexidade  
de ser gente?  
De ser, ser humano.  
De ser.  
De existir.

*Natália Nogueira nasceu no dia 3 de Abril de 1999, em Santa Bárbara d'Oeste, no interior de São Paulo. Cresceu sendo incentivada pela família a nutrir o amor pelos livros e pela escrita. Em 2011, Natália decidiu se aventurar no universo da escrita de fanfictions e, através de suas histórias, conseguiu uma grande base de leitores, atingindo 18 mil seguidores no final de 2022. Formada em Letras - Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, atua como professora do Fundamental II e publica seu conteúdo de escrita através da sua página no Instagram, enquanto escreve seu segundo livro.*

# ***Esperança***

*Giulianna Sanchini de Almeida*

Esperança,  
se você estiver interessada,  
escute o que vou dizer.  
Não se perca em meio as palavras, elas podem ser poderosas,  
e eu sei que você está cansada de coisas vazias.  
O que faz o mundo decair tão rápido?  
É a arrogância que sufoca tantos de nós. É estarmos conformados em como as coisas estão,  
sem nunca ouvir o que os outros têm a dizer.  
Decaindo inconscientemente...

E como o mundo vai se erguer?  
Criaremos algo que nunca foi visto.  
Estaremos preparados para lutar pelos sonhos. A paz de nossas almas é o troféu.  
As pessoas estão se prendendo e jogando a chave da cela para o pior inimigo.  
Parece ser um jogo de criança em que o vencedor é aquele que abraça a glória pisando em amigos, pois desejava tanto  
algo que não precisava.  
E o mais estranho é que essa glória é falsificada com a pele dos que caíram.

Talvez eu esteja exagerando.  
Dizem que isso é uma mania da minha geração. Ou será que eles falam isso porque seus olhos estão cegos, e só ficam  
sentados olhando tudo cair?

Não vim aqui para ser a heroína. Já disse coisas que me arrependo.  
Costumava ser uma rainha de um reino de miséria, ignorando tudo, mas eu mudei isso.

Então, só tenho a enunciar que eles podem dizer que nunca vamos conseguir, mas não desistiremos; somos melhores  
guerreiros e está na hora da mudança.

*Giulianna Sanchini de Almeida, ex-aluna da PUC-Campinas, formada em  
Letras: Português-Inglês (2019-2022).*

---

*Johnny Lima*

É tipo aquela música de que eu gosto tanto,  
Não quero ouvir sempre, não posso;  
Tenho medo de enjoar;  
Está perfeito assim,  
Usar, ouvir, sentir... Sem ti,  
Quando preciso.

Nossa relação é como uma playlist  
No aleatório em que volto naquela mesma sensação,  
Naquele mesmo intervalo  
Entre uma música “mais ou menos” e aquela que eu gosto mesmo.

Foda que a playlist é grande;  
Colocar no repetitivo cansa.  
Dizem que há muitas músicas boas por aí —  
Se descobrir algumas, nem me conta;  
Se eu as descobrir,  
Espero que te supere...

# ***O que eu quero ser***

---

*Rafaela Garcia Matos*

Passo tempo demais pensando no amor, Não necessariamente no amor romântico,  
Mas no amor de forma geral, De todos os jeitos e maneiras possíveis.  
Penso que gostaria de ser amada,  
Tanto quanto eu amo tantas coisas e pessoas.

Quando me perguntam o que eu quero ser quando crescer,  
Penso que existe uma infinidade de respostas a essa pergunta.  
Muitas possíveis, algumas palpáveis, outras questionáveis.  
Mas penso que,  
Apesar de tudo, quero ser feliz quando crescer.  
E, principalmente, quero sentir o amor.

Penso em como gostaria de sentir todo esse amor,  
De como é descrito da forma tão bonita nos livros, nas músicas e nos filmes.  
Existem várias formas de ser amada,  
Por seres humanos e por não humanos.  
E penso que gostaria de ter e sentir todas essas formas positivas.

Uma vez ouvi alguém dizer:  
“Eu quero ser definida pelas coisas que eu amo, não pelas coisas que odeio, nem pelas coisas que me assustam no escuro”.  
E a mesma pessoa disse: “Eu só acho que você é o que você ama”.  
Então penso que é isso que quero ser quando crescer. Amada.



# ***Linha imaginária***

---

*Livia Gurgel*

Já reparou como cada pessoa se encontra em um ponto diferente de uma linha imaginária?

Algumas pessoas estão muito atrás, ignorando o passado e debochando do futuro.

Algumas pessoas estão um pouco mais à frente, remoendo o passado e temendo o futuro.

Algumas pessoas estão no front, aprendendo com o passado e planejando o futuro.

Às vezes é preciso estacionar  
Para alcançar os de trás.

Às vezes é preciso acelerar  
Para alcançar os da frente.

Acho que não é tão imaginária assim.

---

*Beatriz Cossul Candiott*

Cabeça na lua  
Pés no chão  
Acho que vim das ondas do mar e da correnteza do rio  
Assim me movimento  
E assim respiro  
Nem sempre  
Porque também fico sem ar  
Imperfeita  
E muito viva  
Porque sou humana

*Baiana, Beatriz Cossul Candiotti passou a infância em sua cidade natal, Luís Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia. Aos 18 anos se mudou para Campinas, e atualmente, aos 19, cursa Jornalismo na PUC-Campinas. Beatriz escreve poemas, cartas e narrativas de ficção desde os 10 anos, mas passou a publicar seus textos somente há dois anos, no instagram @thisisbiatriz.*

# ***Entre pousos e saídas***

---

*Pietra Mesquita*

Eu gosto de observar aeroportos.  
Ver a ansiedade por novas aventuras..  
Ver os minutos finais de uma saudade prestes a ser cessada...  
Vibrar por beijos e abraços cheios de vontade...  
E como me comove ver as lágrimas cheias de fé.  
Gosto da impaciência.  
Das histórias que não temos ouvidos grandes o suficiente para escutar, e nem agilidade nos olhos para acompanhar.  
Tudo é tão intenso.  
Gosto do abraços.  
Do sorrisos, da pressa, da união, e principalmente do fim da saudade.  
Ou do começo dela.  
Um lugar de conexões e (re)encontros.  
Afinal, todo mundo é um pouco ‘aeroporto’.

*Pietra Mesquita é aluna de Jornalismo da PUC-Campinas.*

# Poemaço

---

*João Reame*

Te conheço, moço.  
Sei da dor e inchaço  
Que tens no pescoço,  
Reclinando ao regaço.  
Do poema em esboço  
Que nos leva do espaço  
Ao fundo do poço,  
Conta cada passo  
E lasca todo osso.  
Não somos de aço,  
Mas desejo sucesso.  
Pela prece que faço,  
Pela benção que peço  
Ao moço  
Que escreve em almaço  
E se entrega ao maço  
Que come de almoço.

*João Reame é um poeta ocasional. Conheceu a beleza e o gosto por versar ao usar os papéis como ouvintes em sua jornada de (re)descobrimiento pessoal. Desde 2019, vem escrevendo poesias a respeito de suas vivências, sentimentos, indignações e nostalgias, sempre usando a ambientação e aspectos da natureza para enriquecer a leitura e interpretação. Em 2021, organizou uma série de seus poemas em um livro de nome “O apagão e o Vaga-lume”, onde expõe tudo que se passa em seu íntimo durante e após uma ruptura familiar.*

---

*Julia Fuchs Selimanovic*

‘O que aconteceu?’, penso eu...  
Vou dobrando suas roupas, guardando nossos sonhos e as lágrimas vão caindo e tocando gentilmente minha face.  
‘Como me perdi’, tentando me agarrar ao último suplício de nós.  
Com dificuldade cada gota vai se desgarrando, mas ainda toca minhas coxas.  
‘Convencê-lo a partir, convenceu-me a ficar’  
A lágrima escorre pesada, condensa meus pensamentos e minha cabeça, dói confusa. O amor, o medo... imensos.  
‘Eu não podia arriscar e, tentando convencê-lo, eu me convenci’  
Sua mala está quase pronta  
passaporte, roupas, memória  
a cada visita uma certeza  
eu era visitante de nosso amor,  
me afogou  
e eu  
sem ar  
inconsciente  
e do meu ventre só vi quando senti nosso filho se afogando  
mas jurei a mim mesma que ainda tinha uma missão,  
te tranquilizar, oferecer acolhimento  
encolhi-me  
a nada  
e quase fui levada  
depois de levá-lo  
‘goodbye, ljubavi’  
a correnteza do vazio  
esmeril  
ouvi um grito - ‘Minha boca? Minha?!’  
as lágrimas escorriam, descontroladas  
então uma mão em minha mão  
“Está tudo bem. Ele foi embora”, disse a delegada.

*Julia Fuchs Selimanovic, aluna do segundo semestre do curso de Letras  
na PUC Campinas. Contato: j.fuchs.selimanovic@gmail.com*

# ***Menino,***

---

*Thiago Augusto Sula de Oliveira*

Tua vida ainda é pequena,  
Perto da infinitude da areia.  
Diante deste mar que te rodeia,  
Numa tarde de maré cheia.

Neste barco encalhado,  
um destino quase apagado,  
E um sol nunca cansado,  
Arde sobre o já pesado fardo.

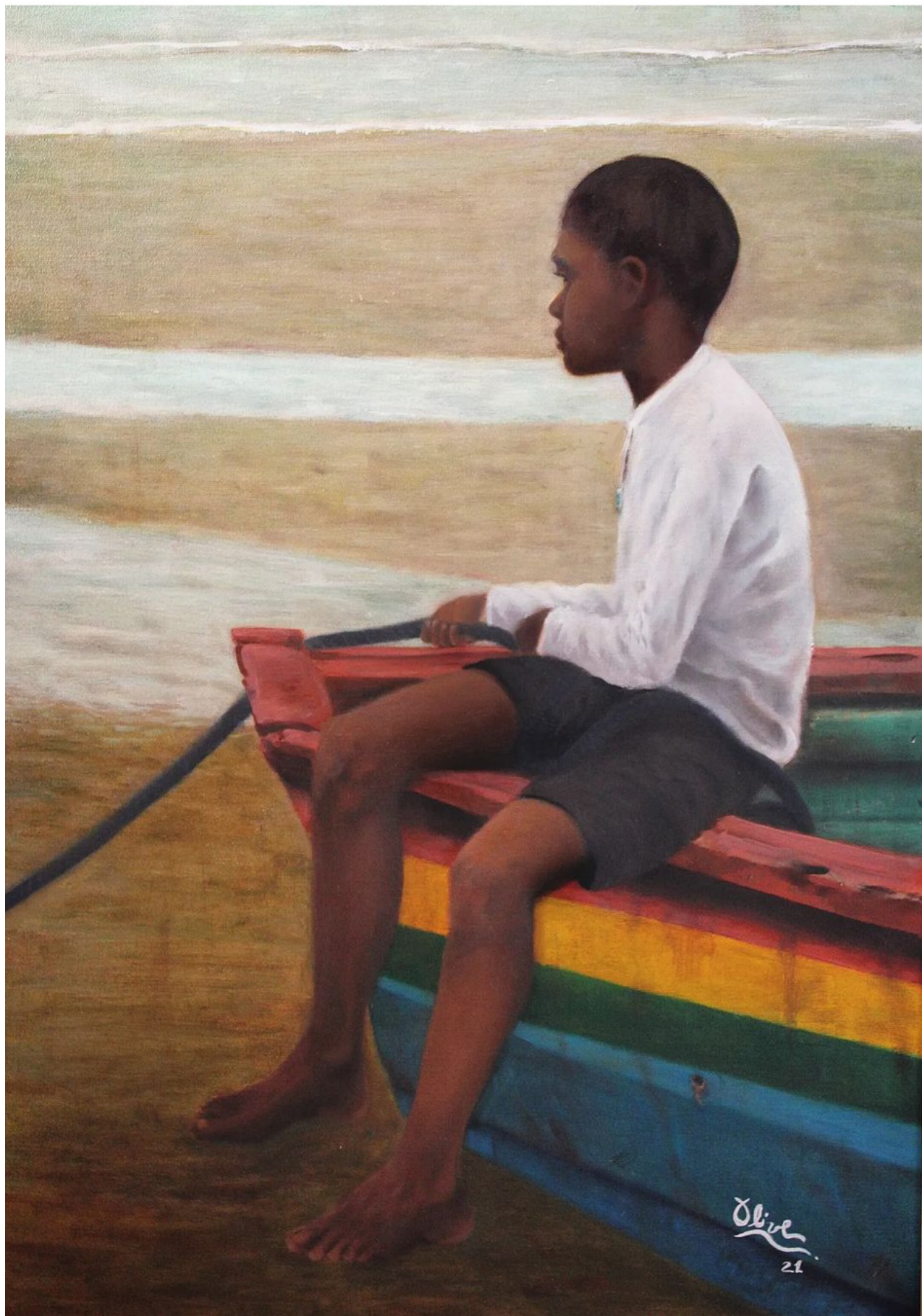
Lá em cima, no Nordeste,  
Presente vivo que me destes:  
Este vislumbre tão contido, tão cipreste,  
Mas tão belo e precioso.

E teu olhar assim moroso,  
Convida-me a uma aventura.

Sem modéstia e sem ternura,  
Dedico a ti, esta pintura.  
que carrega um pouco do que sinto.

E espero que os traços que agora pinto,  
Te lancem ao infinito,  
E quando não fores mais só um menino,  
Descubras-te alguém maior que esse destino.

*Thiago Augusto Sula de Oliveira, natural de Campinas/SP, tem 24 anos de idade. É graduado em direito pela PUC-Campinas, mas também se dedica a atividades nas áreas de pintura, música e escrita. Atualmente cursa pós-graduação em direito processual civil na PUC-Campinas.*



// Thiago Augusto Sula de Oliveira



---

*Johnny Lima*

Passei a adolescência indignado com Deus. Por que coisas tão ruins com os meus? Por que maldosas maldades, se o Senhor que esculpiu? Semelhança e imagem — Para mim, maior bobagem. Às vezes, na igreja me sentia em um cárcere, religião para muitos cartazes. Deus é brasileiro e anda do meu lado, dia após dia. A fé estava abalada com 19 anos, ainda sem entender nada. Por que arbítrio livre, se muitos dizem que sou escolhido? Escolho nada. Nadei... Nadei no fruto proibido. Dependendo deles no Éden ainda estaríamos. Vê como é sinistro? Acho que nem Deus esperava tudo isso. Ele nos deixou escolher e esse foi o precipício. Aí o vi, mais magoado desde o início e percebi que quem deve somos nós — milênios de decepções e altruísmos. Ele conhece a nossa mente, mas não consegue controlar a próxima ação que tomamos. Por isso, peço que Deus ouça a minha voz e transforme aqui num mundo mágico sem tantos humanos.

# ***Poema por Coríntios***

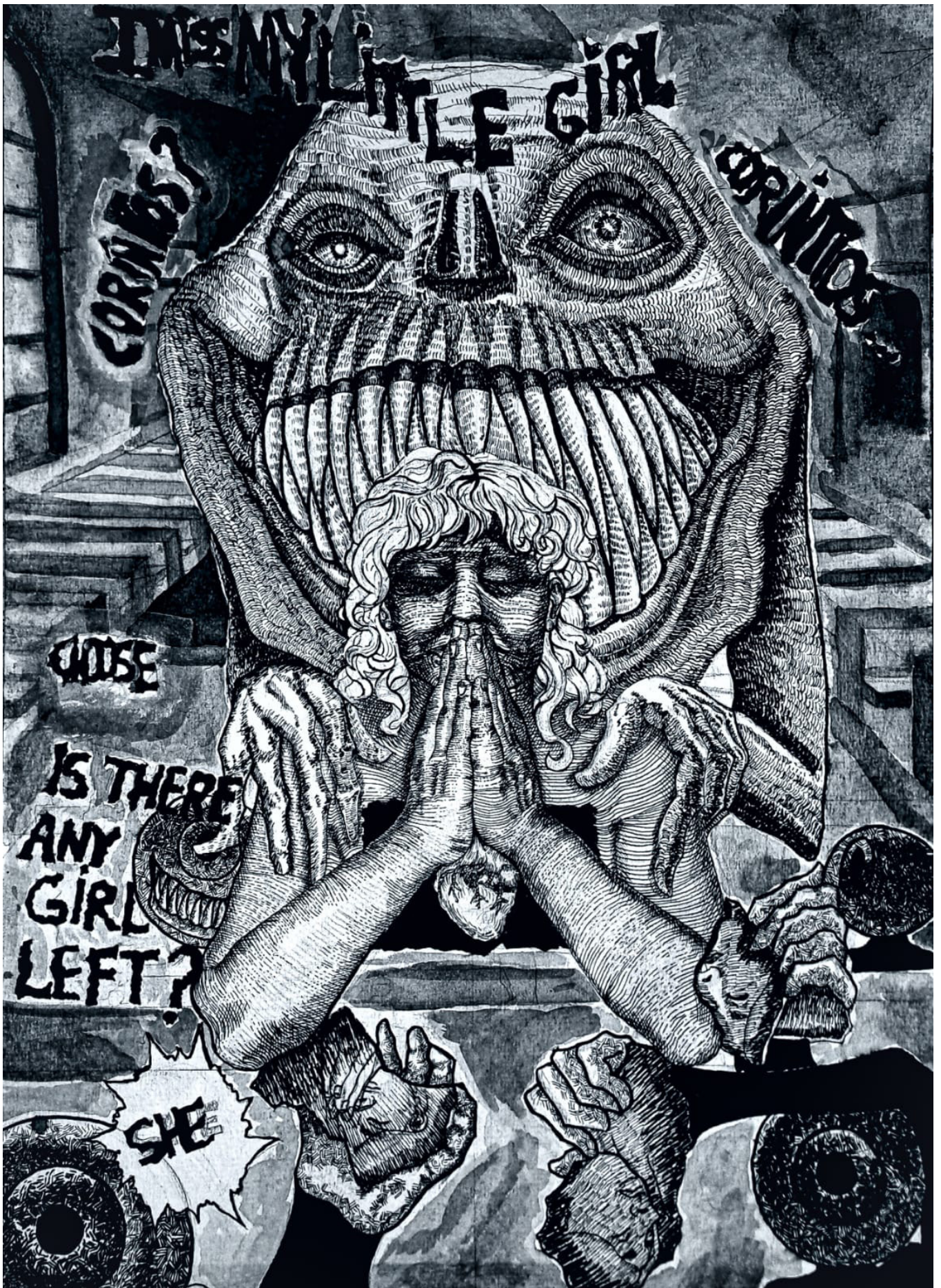
---

*Theodore Roncatti de Souza*

Quando acreditava ser menina, falava como menina, sentia como menina,  
Discorria como menina, mas, mesmo tornando a mim,  
Não acabei com as coisas da menina.  
Como poderia?  
Se a menina já fui eu? E eu já fui a menina?  
O que foi dela, uma vez foi meu.  
O que viveu ela, viveu eu.  
Sobrou alguma menina?  
Não.  
Mas, talvez naquelas memórias passadas, naquele faz de conta,  
Talvez, eles ainda encontrem alguma essência de...  
“Menina, isso não é coisa que se faça!”  
Os arredores recoam.”isto é de menino” ou “isto é de menina.”  
Pois então, o que sou?  
“Escolha!” (por pressão).  
Companheira da repressão, há tempos, circundou-me a angústia.  
Dentro dos templos, ela me esperava.  
Sentada no banco, chamando-me pelo nome.  
Coríntios.  
Assim, como há séculos — imoral, pecador e doentio.  
Por que não obedece ao desejo divino da Criação?  
Coríntios!  
O que será de ti para o seu bando, senão uma ovelha abominável?  
Meses intermináveis.  
Coríntios, Coríntios, Coríntios!  
Basta! Este não é o meu nome. Pelo menos... não deveria ser.  
Não é questão de escolher.  
Eu sou quem sou, simplesmente por ser.  
Só por não pertencer ao binário, ao concreto.  
À existência da Criação.

*Sou o Theodore Roncatti de Souza, tenho 20 anos e sou aluno do curso de Artes Visuais da PUC-Campinas. Sou um artista; músico (pianista e flautista), compositor, desenhista, pintor e escritor. A poesia e o desenho sempre foram as minhas artes de conforto, nos meus momentos mais difíceis. Por isso, acredito que são desdobramentos importantes de mim mesmo.*





// Theodore Roncatti de Souza



# ***Lugar de Poética***

---

*Lucca Henrique*

Onde estou?  
Ficou a se indagar  
Em uma escadaria sem forma.  
Estava a caminhar,  
Seguindo essa norma.  
Ela percorreu pelo que restou.

Chegando ao novo destino  
Apenas cores e brilho à vista.  
Será que sua presença lá era apenas de visita?  
Não compreendia o que tinha conseguido.

Ao longe, ouvia belos cantos rítmicos  
Nada que poderia ser reproduzido de onde vinha.  
Era algo além do compreensível, do sintético.  
Para aquela contempladora, era o mais lindo que se tinha!

Poético era pouco para definir aquele local.  
Sagrado era simplista para compreender sua totalidade.  
Qualquer noção humana era algo simples e banal,  
Parecia que ia muito além de qualquer realidade.

Por mais que o impossível não dê para entender,  
A felicidade é mais simples de absorver.  
Sendo assim, nesse lugar ela resolve permanecer.

*Meu nome é Lucca Henrique e eu sou um aluno de Design Digital da PUC, estou enviando um conto original para consideração de publicação na revista. Escrevo desde 2020, mas já tenho essa paixão por criar desde antes do que consigo me lembrar, por isso amaria que minhas obras fossem publicadas em revistas magnificamente artísticas como a Kyrial.*

---

*Beatriz Cossul Candiotti*

Não sou a poeta  
Sou a própria poesia  
Não escrevo o que sou  
Me torno o que escrevo  
As palavras fazem metamorfose em mim  
Se escrevo sobre a terra, sou a semente, a raiz, o tronco e a folha  
Se escrevo sobre o mundo, sou pessoa  
Se escrevo sobre a vida, sou a alma e o corpo  
Se escrevo sobre dor, sou a lágrima  
Se escrevo sobre você, sou amor

*Baiana, Beatriz Cossul Candiotti passou a infância em sua cidade natal, Luís Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia. Aos 18 anos, se mudou para Campinas, e atualmente, aos 19, cursa Jornalismo na PUC-Campinas. Beatriz escreve poemas, cartas e narrativas de ficção desde os 10 anos, mas passou a publicar seus textos somente há dois anos, através do seu Instagram @thisisbiatriz.*

# *O Abismo*

---

*Isabela Costa Mariano*

Entre suas poucas palavras  
Habitava um profundo silêncio  
Criava um abismo entre nossas falas  
Mas unificava nossos sentimentos  
O que nossos lábios não falaram  
Nossos olhos e peitos sussurravam  
Bem baixinho  
O desejo de ter sido diferente  
Nossos desencontros nos confundiram  
Mas com um sopro  
Nos distanciamos e sobra de nós  
Os nós que criamos  
E os rastros que vivenciamos.

*Isabela Costa Mariano tem 21 anos e é estudante de Direito na PUC-Campinas. Nascida em Piracicaba, vive atualmente em Campinas. Amante da literatura, ela acredita que é libertador o ato de escrever, pois é uma expressão íntegra quando se encontra as palavras certas, tentando sempre buscar o inédito ao se expressar através da escrita.*

# ***Reencontro de desencontro***

---

Paloma Guimarães de Lima

Você soou como lar  
daquele que nunca tive.  
Eu me entreguei por completo.  
Não me abri, me arreganhei.  
As minhas estranhas eu lhe apresentei.  
Confiei.

Hoje, você não entende a dor que carrego  
por saber que, em tão pouco tempo,  
eu encontrei e perdi uma alma antiga  
que conheci e reconheci em ti.  
No segundo dia, eu já tinha decorado teu cheiro  
e no segundo mês, a confiança se foi por inteiro.

Não carrego mágoa,  
apenas aceno de longe à tristeza  
que é ganhar e perder  
uma alma amiga  
que foi inspiração e suporte  
para um sonho que hoje  
não passa de asco.



# ***Reminiscent***

---

*Monique Balan Sobreira*

There is a spot inside here  
Craving to be free  
Craving to scream  
Craving to go out

Yet I didn't forget you  
But, please, be patient  
And dry your eyes

There is the same spot here  
This time afraid of everything  
Hiding on your own shadows  
Sleeping with the enemy

Yet you can choose  
All in your time  
The now is falling

*Monique Balan Sobreira é formada em Letras: Português/Inglês pela PUC-Campinas.*

